



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

A FEIRA LIVRE DE MURITIBA:

ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL E POLÍTICA

CACHOEIRA/BA

2018

MARILENE SILVA DOS SANTOS DE ALMEIDA

A FEIRA LIVRE DE MURITIBA:
ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL E POLÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado da graduação em Serviço Social do Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a. Dra. Heleni Duarte Dantas de Ávila..

CACHOEIRA/BA

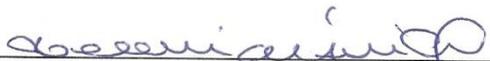
2018

MARILENE SILVA DOS SANTOS DE ALMEIDA

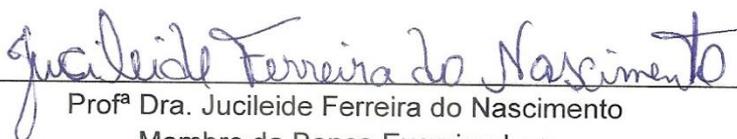
A FEIRA LIVRE DE MURITIBA: ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL E POLÍTICA

Cachoeira – BA, aprovada em 19/03/2019.

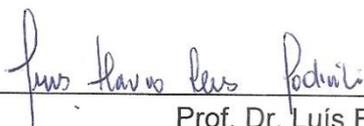
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª. Heleni Duarte Dantas de Ávila
Presidente da Banca Examinadora



Prof.ª Dra. Jucileide Ferreira do Nascimento
Membro da Banca Examinadora



Prof. Dr. Luís Flávio Reis Godinho
Membro da Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

A DEUS,

*Aos meus pais,
grandes mestres da vida.*

**É de batalhas que
se vive a vida.**

Raul Seixas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, e a ele toda honra e toda glória, base de toda minha existência e trajetória acadêmica. A graduação não foi um caminho fácil, mas cheguei ao fim com a certeza do dever cumprido da melhor forma que pude conduzir, hoje uma pessoa mais forte e com os conhecimentos adquiridos, que me elevam para onde eu queira estar. Apreendi com as lições mais verdadeiras, conheci pessoas maravilhosas e enfrentei os meus limites, medos e anseios.

Agradeço a Deus por ter me dado força e coragem durante todos os momentos da graduação, iluminando os meus caminhos e me fortalecendo sempre para eu seguir com a minha missão. A toda minha família, meu pai (Mário Augusto dos Santos – in memória) que na sua simplicidade me mostrou, com seus exemplos, que a vida só vale a pena se for pra fazer o bem, além de me ensinar valores de justiça e honestidade; minha mãe (Maria de Lourdes da Silva dos Santos – in memória) que deixou um grande legado como mulher guerreira, que sempre fez de seus sonhos um objetivo para a vida, me motivando a chegar aonde estou hoje; minhas irmãs (Marilândia e Marizan Silva dos Santos), que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e incentivando a voar mais alto; aos meus irmãos que sempre estiveram ao meu lado nas horas necessárias. Deus me agraciou com meus filhos (Danillo e Daniel Silva dos Santos de Almeida) fundamentais para esta conquista, verdadeiros anjos que me suportaram nos momentos mais difíceis, de angústias e de alegrias, além de me acompanhar e auxiliar nas construções dos trabalhos acadêmicos.

Aos meus sobrinhos Cíntia, Antonio Marcos, que estiveram presentes no decorrer desta caminhada, juntamente com o doce Breno Melo, o qual me proporcionou muitas alegrias e descontração, para os momentos de tensão vividos na construção deste trabalho. A minha sobrinha linda Thaís, aos sobrinhos *tops* Aleff, Bruno, Igor e Gustavo, sempre no apoio e admiração torcendo pela tia.

Ao meu cunhado, amigo, irmão e pai Epifânio Marques Sampaio (Babão), (in memória), a quem devo todo meu agradecimento especial pela confiança e oportunidade que me proporcionou, sendo esse o alicerce para o meu crescimento profissional e espiritual, mostrando o caminho correto a ser trilhado para se chegar a vitória e sempre de uma forma especial esteve do meu lado

acreditando e apostando nos meus sonhos. Que o bom Deus te proteja agora e sempre. Obrigado por ser meu amigo e por toda a confiança em mim. Devo o meu crescimento profissional a você pois sem a sua dedicação e perseverança em me proporcionar o que havia de melhor nessa vida, certamente, eu não teria chegado aonde estou. Você é muito especial para mim!

Ao meu grande amigo Eduardo Pereira, que sempre juntos nos divertimos muito, além do apoio e auxílio nas horas necessárias, valeu amigo.

À minha eterna supervisora de estágio, Profa. Mestra. Albany Mendonça, por ter contribuído de forma tão rica e especial na minha vida acadêmica. Você é um exemplo de profissional que eu levarei por toda minha vida.

Aos professores do curso de Serviço Social da UFRB que fizeram parte da minha formação acadêmica, por cada momento de contribuição e conhecimento adquirido. Meu agradecimento especial para a minha orientadora Dra. Heleni Ávila, pela leitura minuciosa e correção dos capítulos desse Trabalho de Conclusão de Curso, pelas valiosas orientações e pela gentileza. Agradeço também aos professores Godinho, Leandro, Elisângela, Albany, Silvia Arantes, Márcia Clemente, Cláudia, Jucileide, Marcela, Nelson Montenegro, Sérgio Guedes, Lúcia Aquino e Eliazar, pelos valiosos ensinamentos. Quero agradecer a todos os mestres da graduação pois sem eles não teria chegado até aqui. Aos membros da banca examinadora que se dispuseram de maneira tão solícita a participar desse momento tão intenso e de grande experiência.

À turma 2014.2 do curso de Serviço Social da UFRB com quem juntos, adquirir conhecimentos durante esses quatro anos de graduação, em especial Tita, Ilana, Eunice e Manuela, por todos os momentos de conversas, risadas, companhias, seminários e discussões. Sem a disponibilidade e o apoio de vocês, certamente, eu não teria conseguido. Muito obrigada pela contribuição fundamental nesta pesquisa!

E claro aos feirantes que deram um pouco de seu tempo para contribuir com a pesquisa.

A todos esses e aqueles que injustamente esqueci de citar mas que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A feira livre é o mais antigo comércio varejista periódico, no espaço público, circuito inferior e itinerante com duas funções: econômica e de divertimento, ao ar livre com barracas cobertas de lona, organizadas lado a lado. Nesse espaço sócio-ocupacional é onde acontece trocas e vendas de produtos, além das sociabilidades. Esse território espacial, que para Saquet (2012) é um lugar de relações a partir da apropriação e produção do espaço geográfico, sempre ligado ao controle e a dominação social. Que para Abreu (2016) esta imediatividade se materializa pela inclinação ao tecnicismo, como estratégia de “gestão da pobreza”, objetivando o gerenciamento e a melhoria das condições consideradas desfavoráveis do “público/segmentos sociais”. Esse trabalho teve como inquietação perceber como os feirantes da feira livre de Muritiba compreendem esse espaço social, objetivando discutir a organização territorial e política da feira livre de Muritiba segundo os feirantes (barraqueiros). A metodologia utilizada para alcançar os objetivos seguiu o método de pesquisa qualitativa e quantitativa, com questionários semiestruturados para entrevistas com os feirantes (barraqueiros). Os resultados obtidos revelaram o perfil dos feirantes (barraqueiros), bem como suas motivações, dificuldades e expectativas. Diante dos resultados concluiu-se que embora bastante satisfeitos com o ambiente de trabalho, estes profissionais reconhecem a falta de organização como dificuldade estruturais no seu cotidiano, que pode ser resolvida pelo poder público municipal. Outra característica observada durante a pesquisa é o distanciamento e desunião dos feirantes, motivos que levam os problemas e as dificuldades se agravarem ainda mais e sem resolução, além das precarizações existentes nesse circuito inferior da economia. Assim, espera-se que as transformações que se materializa nesse espaço sócio-ocupacional represente a liberdade desses sujeitos sociais, que revelou características marcantes dessa tradição de troca e venda na feira livre, fortalecendo assim o exercício profissional do assistente social que se insere nesse âmbito territorial.

PALAVRAS-CHAVE: Feira livre. Território. Precarização. Circuitos da economia.

ABSTRACT

The free fair is the oldest periodic retail trade, in the public space, inferior circuit and itinerant with two functions: economic and fun, outdoors with tents covered with canvas, organized side by side. In this socio-occupational space is where there happens exchanges and sales of products, besides sociabilities. This spatial territory, which for Saquet (2012) is a place of relations from the appropriation and production of geographic space, always linked to social control and domination. That for Abreu (2016) this immediacy materializes by the inclination to technicism, as a strategy of "poverty management", aiming at the management and improvement of the conditions considered unfavorable of the "public / social segments". This work had as a concern to understand how the fairgrounds of the free fair of Muritiba understand this social space, aiming to discuss the territorial and political organization of the free fair of Muritiba according to the fairgrounds. The methodology used to reach the objectives followed the qualitative and quantitative research method, with semistructured questionnaires for interviews with the marketers. The results obtained revealed the profile of the marketers, as well as their motivations, difficulties and expectations. In view of the results, it was concluded that although they are very satisfied with the work environment, these professionals recognize the lack of organization as a structural difficulty in their daily life, which can be solved by the municipal public power. Another characteristic observed during the research is the distancing and disunion of the marketers, motives that cause problems and difficulties to worsen even more and without resolution, in addition to the precarizations that exist in this inferior circuit of the economy. Thus, it is expected that the transformations that materialize in this socio-occupational space represent the freedom of these social subjects, which revealed marked characteristics of this tradition of exchange and sale in the free fair, thus strengthening the professional practice of the social worker that falls within this scope territorial.

KEY-WORDS: Free Fair. Territory. Precariousness. Economy circuits.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CAHL	Centro de Artes, humanidades e Letras
CD	Compacto Disco a laser
CI	Circuito Inferior
CS	Circuito Superior
DVD	Disco Digital de Vídeo
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UFM	Unidade Fiscal Municipal
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

LISTA DE TABELA

TABELA 1	Pessoas entrevistadas por sexo.....	54
TABELA 2	Escolaridade dos feirantes entrevistados.....	55
TABELA 3	Sugestões para melhorias da feira livre.....	61

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1..... 48

FIGURA 2..... 49

FIGURA 3..... 50

FIGURA 4..... 51

FIGURA 5..... 51

FIGURA 6..... 52

FIGURA 7..... 53

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Produtos comercializados pelos feirantes.....	56
GRÁFICO 2	Produtores para venda e intermediário (revenda).....	57
GRÁFICO 3	Cidades de origem dos produtos comercializados pelos feirantes.....	57
GRÁFICO 4	Dias de comércio na feira livre.....	58
GRÁFICO 5	Motivos apontados pelos feirantes como justificativa para desenvolver tal atividade na feira livre.....	58
GRÁFICO 6	O espaço sócio-ocupacional atende suas necessidades como feirantes (barraqueiros)?.....	59
GRÁFICO 7	Condições de trabalho no espaço sócio-ocupacional.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
01- PRIMEIRO CAPÍTULO - FEIRAS LIVRES – HISTÓRICO E DINÂMICAS ESPACIAIS.....	19
1.1 Histórico e constituição das feiras livres na Bahia.....	19
1.2 Dinâmica espacial no contexto do espaço urbano.....	24
1.3 Organização territorial como campo de contradições.....	30
02- SEGUNDO CAPÍTULO – A FEIRA E SUA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ESPACIAL.....	35
2.1 A produção sócio econômica da Feira.....	37
2.2 O movimento das Feiras: aspectos culturais e espaciais.....	40
2.3 Feiras Livres: Territorialidade e poder.....	41
03 - TERCEIRO CAPÍTULO – A FEIRA LIVRE DE MURITIBA.....	45
3.1 Aspectos sócio históricos do município de Muritiba/BA.....	46
3.2 A Feira Livre de Muritiba e seus sujeitos (vendedores).....	47
3.3 A Feira Livre de Muritiba enquanto território de organização e resistências.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
APÊNDICE.....	69
ANEXO.....	77

1- INTRODUÇÃO

O município de Muritiba caracteriza-se na feira livre em um espaço que através de uma função social muda a organização espacial urbana, e que, atualmente, representa uma das mais antigas e resistentes modalidades do comércio varejista.

A comercialização de alimentos em feiras livres ainda representa uma grande tradição, sobretudo para comunidades de menor poder aquisitivo, nas quais existe pouca preocupação quanto à procedência e qualidade desses alimentos. A feira livre de Muritiba acontece em três dias da semana sendo nas quartas-feiras, sextas-feiras e nos sábados, localizada no centro da cidade, com espaço territorial apropriado para o desenvolvimento deste comércio.

Para Marcos, feirante, entrevistado por Sato (2009, p.227), diz que: “A feira é um lugar também de bagunça organizada”. É onde todos se falam, anunciam seus produtos na busca pelo cliente, dinâmica essa que se dá por meio de relações de cooperação e de competição, além de uma precariedade e descaso dos governantes quanto a organização, manutenção e limpeza do local.

O Município atravessa por um grande problema que é o desemprego no trabalho formal¹, aumentando a informalidade. Sendo de suma importância no meio social, percebi a necessidade em aprofundar conhecimentos neste assunto sobre a feira livre, um trabalho na informalidade, sendo o município agrícola, abrindo um canal de vendas ao pequeno agricultor que é um cliente interno, permitindo que o mesmo comercialize produtos frescos e de boa qualidade, em um espaço organizado, o qual beneficiará todo o povo da sede, que chamamos de clientes externos.

[...] o lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2006, p.218).

¹ Conforme consulta ao Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED – MTE, 2018. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php>. Acesso em: 15 de jan. de 2019.

A feira livre é o lugar, que proporciona ao popular o encantamento em um ambiente de sons estranhos, gestos, imagens, animais e coisas para frequentadores, sendo eles de qualquer uma das classes.

Nessa perspectiva, diante do desenvolvimento urbano que a feira livre traz para a cidade, percebe-se a necessidade de discutir a organização territorial e política da feira livre de Muritiba.

Portanto pergunta-se como os feirantes da feira livre de Muritiba compreendem esse espaço social?

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral discutir a organização territorial e política da feira livre de Muritiba segundo os feirantes.

Definidos como objetivos específicos, identificar as condições de trabalho desses feirantes, compreender como os trabalhadores da feira (barraqueiros) se organizam neste espaço e como se dá a relação entre o poder público local e os feirantes.

Utilizando as dimensões teórico-metodológica, ético-político e técnico-operativa, através do método de pesquisa qualitativa e quantitativa, será desenvolvida entrevistas, proporcionando uma condição de reflexão do aspecto prático, através de contato direto com os feirantes (barraqueiros) desse espaço.

Serão adotados os seguintes procedimentos metodológicos: a revisão de literatura; pesquisa de campo com coleta de informações, para posterior análise, construída a partir do método dialético.

A pesquisa será desenvolvida obedecendo os princípios éticos, no que se refere a privacidade e sigilo das informações, sendo o entrevistado informado sobre do que se trata e os objetivos da pesquisa, esclarecendo que é de forma voluntária podendo abandonar a qualquer momento, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após a realização da Pesquisa de Campo, com produção dos dados partimos para a análises destes. Com os resultados adquiridos sobre a realidade dos sujeitos sociais dentro desse contexto, foram exibidos através de textos, gráficos e tabelas para uma melhor assimilação.

Com esses resultados, foi produzido este Trabalho de Conclusão de Curso, estruturado em três capítulos além da introdução e considerações finais, apresentando os resultados e as conclusões que se apresentam enquanto unidade dialética da teoria e prática explicando toda a realidade pesquisada.

No primeiro capítulo intitulado Feiras Livres – Histórico e Dinâmicas Espaciais, apresentamos o surgimento da feira livres em geral e na Bahia, compreendendo as dinâmicas espaciais e toda a sua organização territorial como campo de contradições, em que se insere os sujeitos sociais que compõem esse espaço sócio-ocupacional, considerando a teoria dos dois circuitos da economia o inferior e o superior criados por Milton Santos (1979), além de diversos autores que discutem o tema.

No segundo capítulo abordamos a produção sócio econômica da feira livre, com seus movimentos e aspectos culturais e espaciais bem como a discussão de alguns autores. Na segunda parte desse capítulo expomos territorialidade e poder contextualizando com a feira livre da cidade de Muritiba.

Já no terceiro Capítulo apresentaremos a feira livre de Muritiba, aspectos sócio históricos do município de Muritiba/BA, seus sujeitos (vendedores), fazendo uma análise de como tudo aconteceu, através de pesquisa documental e enquanto território de organização e resistências, que através dos resultados da pesquisa com entrevistas aos feirantes (barraqueiros), relacionando com contribuições de autores, possibilitou conhecer as vivências entre o sujeito e o lugar, apontando como esse espaço sócio ocupacional se materializa para eles.

A devolutiva desse trabalho será realizada através de apresentação pública, como etapa final do TCC, no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, esperando desta maneira, que venha a contribuir no fortalecimento do exercício profissional do(a) assistente social, neste espaço sócio-ocupacional, no qual a partir do projeto teórico-metodológico, percebe-se no interior da feira livre as múltiplas expressões da questão social: pobreza, desemprego, violência, discriminação de gênero, raça, etnia e orientação sexual, dificuldade de acesso à saúde, à educação, trabalho precário, falta de moradia, violação dos direitos das crianças e dos idosos.

1 - PRIMEIRO CAPÍTULO

Feiras Livres: Histórico e Dinâmica Espacial

Neste capítulo serão abordados aspectos históricos, sociais e culturais das feiras livres, bem como a dinâmica espacial criada e modificada por este tipo de comércio.

1.1 Histórico e constituição das feiras livres na Bahia

O Surgimento das feiras livres é muito antigo, segundo Santos (2013 apud MUNFORD, 1998, p. 85) constata que antes de Cristo elas já existiam. Assim “as duas formas clássicas de mercado, a praça aberta ou o bazar coberto, e a rua de barracas ou de lojas, possivelmente já tinham encontrado sua configuração urbana por volta de 2000 a.c., a mais tarde”. Afirma ainda que elas foram “[...] precedidas pela forma ainda mais antiga do supermercado – dentro do recinto do templo”. Os templos dessa época serviam não apenas como locais do deus e dos sacerdotes, mas também servia de mercado, conforme escrito na Bíblia Sagrada.

Com registro na Bíblia Sagrada, encontra-se uma troca de produtos, pois o que era abundante para uns faltavam a outros. Na passagem Bíblica do evangelista João, encontra-se escrito a referência da feira depois de Cristo – d.C. em João, cap.2, ver. 13-17.

13 Estava próxima a Páscoa dos judeus; Jesus, então, subiu a Jerusalém. 14 No templo encontrou os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e os cambistas nas suas bancas. 15 Então fez um chicote com cordas e a todos expulsou do templo, juntamente com os bois e ovelhas; jogou no chão o dinheiro dos cambistas e derrubou suas bancas. 16 E aos vendedores de pombas disse: "Tirai daqui essas coisas. Não façais da casa de meu Pai um mercado!". 17 Os discípulos se recordaram do que está escrito: "O zelo por tua casa me há de devorar".

O narrador desse Evangelho nos faz entender que no Templo de Jerusalém, naquele momento, se realizava uma feira e/ou atividade comercial típica de mercado. Eram trocas e barganhas em um local específico, assim as feiras não são tão recentes nos espaços urbanos.

Conforme Santos (2014, p.63),

“As feiras livres eram conhecidas por gregos e romanos. Com a revolução do comércio conhecida como renascimento comercial, ocorrida no século XI e XII, é que o seu papel se torna verdadeiramente importante, assumindo uma posição vertiginosa até o século XIII”.

O renascimento comercial e urbano proporcionou as trocas de mercadorias trazidas de várias territorialidades, sendo o excedente da produção, comercializado, e com a procura intensa de mercadorias, nas regiões, as feiras e estabelecimentos comerciais passam a ser permanentes.

Segundo Huberman (1986, p. 31) “as feiras periódicas na Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Itália constituíam um passo em prol do comércio estável e permanente nesses lugares”. O autor ainda ressalta:

É importante observar a diferença entre os mercados locais semanais dos primeiros tempos da Idade Média e essas grandes feiras do século XII ao XV. Os mercados eram pequenos, negociando com os produtos locais, em sua maioria, agrícolas. As feiras, ao contrário, eram imensas, e negociavam mercadorias por atacado, que provinham de todos os pontos do mundo conhecido. A feira era o centro distribuidor onde os grandes mercadores, que se diferenciavam dos pequenos revendedores errantes e artesãos locais, compravam e vendiam as mercadorias estrangeiras procedentes do Oriente e Ocidente, Norte e Sul (HUBERMAN, 1986, p. 32).

Com o passar dos tempos, o número de pessoas envolvidas nos mercados e nas feiras foram aumentando, e o poder público interveio com o objetivo de disciplinar, fiscalizar e é claro, cobrar impostos. Além de que:

[...] os mercadores que efetuavam negócios nas feiras pagavam-lhe pelo privilégio. Havia uma taxa de entrada e de saída, e de armazenamento das mercadorias; havia uma taxa de venda e uma taxa para armar a barraca de feira. Os mercadores não se opunham a esses pagamentos, porque eram bem conhecidos, fixados, e não muito altos (HUBERMAN, 1986, p. 33).

Até os dias de hoje são cobradas taxa de uso do solo nas feiras livres além da taxa para armar e desarmar a barraca. Esses impostos, cobrados pelo uso do solo na via urbana é de competência do poder público, que conforme Abreu (2015, apud WOOD, 2003, p. 3) “[...] o Estado, é que se constitui

historicamente no contexto do capital como um meio de apropriação do excedente da produção, sua ampliação e distribuição”. Neste aspecto mercantilista, valoriza-se a feira enquanto comércio, na dinâmica da compra e venda de mercadorias, agregando valores de mercados e impulsionando as relações capitalistas.

Conforme Amboni (2011, p.12) na Idade Média os interesses são gerais, como podemos observar:

As autoridades tinham um grande interesse quanto à materialização das feiras e mercados locais em suas regiões, pois, com isso, aumentaria o fluxo de recursos financeiros e de mercadorias na sua localidade e, ao mesmo tempo se negociariam a produção da própria cidade. Sendo, portanto, o comércio, de natureza errante ou fixo, a razão e a grandeza da importância das feiras no Ocidente medieval até ao século XIII (AMBONI, 2011, p.12).

Na Idade Média, as feiras são reconhecidas como um dos aspectos mais importantes da organização econômica, devido ao renascimento urbano e comercial ocorrido na Europa.

Conforme Jesus (2016 apud RAU, 1982, p.33),

A troca de produtos entre o homem do campo e o da cidade, elas representam o ponto de contacto entre o produtor e consumidor, o ponto onde se concentrou a vida mercantil de uma época em que a circulação das pessoas e das mercadorias era dificultada pela falta de comunicações, pela pouca segurança das jornadas e pelo excesso de portagens e peagens.

É na feira que acontece o intercâmbio de mercadorias cada vez mais intenso, acentuado em virtude da necessidade da comercialização dos excedentes da produção, relações sociais, além da ligação/contacto de lugares e produtos provenientes de outras regiões. Conforme Jesus e Damerçê (2016, p.15) “é na idade Média que a feira livre cumpre o papel de fortalecer as relações comerciais e econômicas desse período”. As autoras ainda acrescentam que:

Neste contexto as Cruzadas tiveram papel importante nas feiras livres, pois devido a expedições marítimas, o acesso a diversão e produtos, que não possuíam na Europa eram garantidos, era o caso de especiarias como a pimenta, o cravo e dentre outros obtidos no oriente.

Com o declínio do sistema feudal, a burguesia ganha ascensão, ocorre desenvolvimento do comércio, chega-se a contemporaneidade, na qual o capitalismo impulsiona o processo de urbanização e a atividade de compra e venda é transferida para as grandes redes de supermercados.

Os mercados anuais, em geral chamados feiras, da feria (festa ou feriado) a que estavam ligados, já implicavam organizações mais complexas. Qualquer espaço livre servia aos mercadores profissionais instalarem as suas barracas ou armarem as tendas [...], mas não viriam de longe a menos que tivessem quaisquer garantias de acesso livre e fácil, algumas vantagens e convivências durante a estadia e, evidentemente, uma possibilidade razoável de obter lucros (LOPEZ, 1980, p.99).

Surge o comerciante, iniciando então a divisão social do trabalho. A feira exerceu papel importante na implantação do dinheiro, na manutenção do capitalismo e no surgimento das cidades, esta, devido a movimentação urbana e rural.

O comércio de trocas de produtos iniciou de forma itinerante surgindo a necessidade de um local adequado para todos os tipos de produtos e estratégico para as relações sociais. A feira livre é um local que tem como função agregar a negociação de produtos excedentes. Lugar lúdico, movimentado e cheio de sons. É singular o visual das feiras, com colorido de frutas, legumes, roupas etc., com amontoados de barracas cobertas ou não, com lonas ou plásticos.

Antes dos europeus chegarem ao Brasil, já existiam trocas entre os nativos, o autor ainda afirma que “os produtos eram trazidos pelos silvícolas até a praia e entregues nas mãos de particulares ou nas feitorias, a fim de serem embarcados para o Reino quando das chegadas das naus” (MOTT, 1975, p.308).

Segundo o autor, a primeira referência de feira no Brasil data de 1548, no então reinado de D. João III, o qual ordenava que:

[...] se façam em um dia de cada semana. Ou mais, se vos parecerem necessários, feira a que os gentios possam vir vender o que tiverem e quiserem, e comprar o que houver mister, e assim ordenareis que os cristãos não vão às aldeias dos gentios tratar com eles (MOTT, 1976, p.83).

No Brasil as feiras livres surgem com o aumento da população e a diversificação econômica, impulsionando o surgimento e crescimento de

algumas cidades, intensificando a cultura local, porém algumas mudanças resistem a acontecer principalmente quando os elementos cultura, economia e meio-físico, são o que movem o modo de vida das pessoas.

Com a preocupação de higienização, organização, e bem-estar, surgiu a necessidade de um local próprio para a venda dos produtos oferecidos. Então entra em ação o poder público com o objetivo de legalizar, fiscalizar e passa a cobrar os impostos aos feirantes.

As feiras desempenham papel relativamente importante no abastecimento urbano, que Jesus e Damercê (2016, p.17) vem destacar: “que dentre as cidades que alcançaram o crescimento através das feiras livres está os municípios da região Nordeste”.

Porto (2005, p.25), acrescenta que:

É onde o movimento da sociedade resulta ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, que para a sua reprodução permite que parcelas do espaço fiquem à margem do desenvolvimento social e econômico. Em continuidade temos [...]como exemplo, a feira de Caruaru de Pernambuco, local onde a cultura de determinada localidade são muito bem representadas, presente nos artesanatos, facilmente encontrados nesses espaços, bem como comidas típicas, artigos religiosos, barracas de roupas e barracas do remédio caseiro, havendo uma diversidade de barracas e produtos (FERRETTI, 2000, P.67, grifo nosso)

Em lugares onde o sistema capitalista não se interessou em criar novas formas de produção, as velhas relações homem e natureza ainda resistem, sendo lentamente transformadas. Alguns dos produtos que abastece a feira local são produzidos por pequenos proprietários rurais, que como faziam seus antepassados, desenvolvem a agricultura de subsistência em locais próximos da área de comercialização, sem uso de agrotóxicos e máquinas.

A palavra feira é originaria do latim *feria* que significa “dia de festa”, Minnaert (2008 apud FERREIRA, 1999). Significando em português, lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem ou se vendem mercadorias, é também lugar de encontro e conversa.

Na cidade do Salvador, as feiras nasceram próximas ao mar, no cais, onde eram expostos peixes, mariscos, frutas, verduras e outros produtos que chegavam em embarcações, vinda geralmente do Recôncavo (MINNAERT 2008, p.130),

Para Serra (2005, p.106) algumas festas populares em Salvador tinham uma feira como parte das atividades relacionadas à diversão pública. Citando a festa de Conceição da Praia², onde uma feira dedicada à venda de frutas e de peças de cerâmica, na Rampa do Mercado, era parte das festividades.

1.2. Dinâmica espacial no contexto do espaço urbano

As feiras são locais que promovem trocas de mercadorias entre pessoas de diferentes lugares, com diferentes produtos, com o objetivo de suprir as necessidades de cada indivíduo, com uma variedade grande de produtos desde os sofisticados até pequenas coisas que a classe mais pobre precisa. É a maior e mais completa representação de mercado periódico ou fixo, constituindo um ponto de encontro entre compradores e vendedores.

Foi através dessa forma de comércio, que a via urbana ganhou dimensões, popularizando e atraindo pessoas de outros lugares na forma de vendedor ou de comprador tornando o centro da cidade mais bonito e atrativo.

Portanto a feira livre atende as necessidades de pessoas da zona rural que ao vender seus produtos adquire outros que são de sua necessidade, em um só dia da semana devido a distância em que moram. Enquanto a rede de mercados atendem a população local, com atendimentos diários e sob a divisão social do trabalho capitalista.

Desta forma, entende-se a feira livre como uma ação social, que proporciona benefícios econômicos e sociais aos pequenos proprietários rurais, e, como um negócio, gerador de emprego e renda para o município.

Para compreender a feira livre no espaço urbano, como atividade econômica ocupacional, e reprodução da desigualdade na economia urbana Milton Santos passa a analisar as cidades através de sua teoria, os dois subsistemas: circuito inferior e circuito superior.

Conforme Roma (2016, apud SANTOS, 1979-2004, p.26),

O que diferenciaria as atividades do circuito superior das atividades do circuito inferior seria a tecnologia empregada e o modo de organização do trabalho. Assim, o circuito superior mantém sua base diretamente relacionada à modernização tecnológica e aos grandes monopólios, detentores das novas

² A festa de Nossa Senhora Conceição da Praia em Salvador, é uma festa religiosa que envolve cortejo, sendo uma festa popular.

tecnologias e de poder no mercado financeiro. Por sua vez, o circuito inferior é formado pelas atividades de pequena escala, como dos pequenos comerciantes, mascates e vendedores ambulantes, voltados para o mercado de consumo local e a população com menor mobilidade (os mais pobres).

Os dois circuitos, traz a ideia de relações de dependência e subordinação entre esses subsistemas, dentro da cidade, que para Spósito (1996, apud SANTOS, 1979, p.47), considera que:

O trabalho é o fator essencial no circuito inferior, quando no circuito superior é o capital” e, “se no circuito moderno as linhas de crédito são abertas seletivamente para estimular a produção, no circuito inferior são as necessidades de consumo que estão na origem do crédito.

No Circuito Inferior (CI) temos o trabalhador que produz e reproduz a força do seu trabalho na informalidade, sem nenhum crédito de investimento, apenas para a troca do seu excedente. No Circuito Superior (CS), da economia, temos o trabalhador que vende a força do seu trabalho, sendo assalariado, dominado pelo capitalista o qual recebe créditos para investimentos em seu mercado. Porto (2005, p.21) conclui que:

Os elementos da natureza estão presentes em toda a superfície da terra, porém a depender de cada sociedade e de seus interesses econômicos, eles são utilizados diferentemente. A diferença de renda, sendo maior nos países pobres, produz consumidores diferentes e atividades comerciais que satisfazem essas diferenças. [...] as feiras livres, atividade inserida no circuito inferior (CI) da economia, atendem principalmente à população de menor poder aquisitivo (PORTO, 2005, p.21).

O acesso á tecnologia e à informação é extremamente desigual numa sociedade capitalista. Consegue melhor acesso quem tem mais poderes econômico, ou seja, aqueles que estão no Circuito superior.

Vamos entender as especificidades de cada subsistema, existentes no espaço urbano citado por Sato (2007 apud SANTOS, 1979/2004).

No Circuito Superior (CS) encontramos as atividades econômicas ditas modernas, voltadas para a acumulação de capital, como os grandes conglomerados orientados pela economia global; incorpora tecnologia de ponta, emprega trabalhadores com nível de escolarização/qualificação mais

elevado; as atividades de comércio voltam-se para segmentos das classes média e alta. No Circuito Inferior (CI) orienta sua atividade para a população e economia locais; é trabalho intensivo utilizando tecnologia pouco sofisticada; os vínculos de trabalho são precários em termos de proteção social; a atividade comercial dirige-se, prioritariamente, para as camadas médias e populares e visa, também prioritariamente, garantir a sobrevivência. Por ser hegemônico, “o circuito superior” da economia orienta as regras para o funcionamento do “circuito inferior” também, o que pode ser sentido como uma convivência tensa.

O circuito inferior (CI), engloba as feiras livres, como elemento de compreensão da economia urbana das pequenas e médias cidades; as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, assim como os transportes tradicionais e a prestação de serviços. No circuito superior (CS) engloba as grandes redes de super e hipermercados, comércios varejistas, industriais e pelos serviços modernos, pelos bancos, pelas atividades ligadas ao transporte.

A feira é uma instituição incomum e multifuncional que serve a pessoas de áreas muito distantes, já o mercado, diário ou periódico é uma instituição normal ou unifuncional que objetiva servir à área local e imediata (Porto (2005, p. 24).

Percebemos então a existência de um dualismo econômico e social, que deve se refutar ao conceito de dualismo urbano – formal/informal ou legal/ilegal, na descrição, análises e interpretação da organização espacial de cada cidade.

A dinâmica espacial da feira evidencia-se como lugar dos encontros e desencontros, de tessituras várias, das conversas fiadas e também, daquelas com propósito, das sociabilidades, compras, vendas, trocas, sejam elas econômicas ou socioculturais, engendradas pelos feirantes e fregueses constituindo assim, uma trama de relações na feira livre (ALMEIDA, 2009, p.18).

A feira livre surge com uma expansão da população agrícola, da rede rural para a rede urbana, levando o seu excedente agrícola para venda e troca, em espaços variados causando alteração na estruturação urbana. No Circuito Inferior, esses locais são denominados de espaço sócio-ocupacionais³. No

³ Denominados de espaços sócio ocupacionais o local ocupado por comerciantes informais, que antecedem a territorialização.

Circuito Superior devido aos centros de mercado, não serem do mesmo tamanho, ou seja, com estruturas físicas variadas, também causam uma desestruturação espacial.

A feira livre é um local de heterogeneidade, ou seja, local para todos, onde existe diversidade de pessoas e de costumes. É lugar de bagunça organizada onde os próprios feirantes definem seus espaços, uns com maior tamanho e outros com menores, a depender do tempo em que ocupam esse espaço. As feiras adquiriram um poder de autogestão.

A rede de relações sociais que configura a feira livre é construída pela presença de várias lógicas que se encontram em um lugar, em um dia da semana e se espalham em várias outras feiras livres nos dias e em outros lugares.[...] baseiam-se na troca de ideias, de pontos de vista, de argumentos e de experiências (Sato, 2007, p.99).

A feira é um local de abordagem econômica e cultural diferenciada, devido a maioria dos consumidores que frequentam o espaço possuir experiência e consciência diferentes, pois ao fazerem parte de uma classe social de baixo poder aquisitivo, construiu ao longo do tempo, hábitos, costumes e vivências diferentes daqueles de maior poder de compra, sendo da classe média ou alta.

Dentro desse espaço organizacional, existe a hierarquia, criada pelos feirantes mais antigos e todos os seguem, para Sato (2009, p. 237) “a feira livre deve ser compreendida, então, como um contínuo organizador, baseado em acordos e negociações, em cooperações e competição e na execução de regras tácitas”. O “alô compadre”, “alô comadre” é um chamamento da freguesia para a venda, sempre em competição, porém em cooperações, onde os preços são combinados entre eles, para o mesmo valor, diferenciando apenas na forma de vender.

Há muitas regras de convivência que delimitam o que pode e o que não se pode fazer, o que é considerado positivo e o que não é, e assim por diante. Continuando a autora diz que: ocorre que muitas dessas regras, são acordos que vão sendo feitos e não estão em lugar nenhum. Para um “novato” não é fácil aprender tais regras, até porque nem sempre os próprios “veteranos” (feirantes mais antigos) sabem dizê-las (SATO, 2009, p.237).

Em qualquer feira livre do município, existe a hierarquia, onde uma pessoa é quem tem voz ativa e dita as regras do local, mesmo sem estar registradas em

documentos. Por vezes é o mais antigo feirante quem dita as normas e todos o seguem para uma melhor organização do espaço. O novato que chega vai descobrindo essas regras no cotidiano. Esses acordos, feitos entre eles, independe de se ter uma associação de feirantes ou não.

A forma de organizar as feiras é tácita porque não precisam ser expostas, todos aprendem no convívio dentro do espaço e executam. As regras só são conhecidas quando algum feirante desrespeita, e nem sempre é de comum acordo, tornando-se incômoda a convivência com a barraca vizinha.

Nesse espaço sócio-ocupacional está parte do excedente da oferta de trabalho rural, com o objetivo de gerar emprego e renda. São grupos de trabalhadores sem remuneração e por conta própria, formando o setor informal⁴, o qual fortaleceu desde a década de 1980 quando inicia-se alterações na economia brasileira com alterações de impostos na sociedade, expansão da privatização de empresas públicas, desestruturação dos serviços sociais públicos e a desregulamentação do mercado.

Com essas alterações na economia brasileira, o setor vem desfavorecendo o emprego formal e expandindo o informal, o trabalho informal possibilita a redução do custo de produção da força de trabalho por meio da ausência dos encargos trabalhistas para o capital, torna mais barato o uso da força de trabalho, aproxima o consumidor das mercadorias e precariza ao ampliar a jornada de trabalho.

O trabalhador na informalidade tem carga horária de trabalho aumentada, total dedicação ao trabalho, e em troca vende seus produtos mais baratos, pois não existe o acréscimo das taxas de impostos, seus lucros são menores e sem nenhuma garantia de seus direitos trabalhistas. Ao inverso de trabalhadores da formalidade, que usam de seus direitos trabalhistas, jornada de trabalho regulamentada, salário fixo e garantido por Leis, impactando com as desigualdades sociais onde quem trabalha mais, porém está na informalidade, ganha menos e não tem seus direitos adquiridos como trabalhador garantidos, diferente dos empregados na formalidade.

⁴ Para compreender essa realidade, o antropólogo Hart, classifica as potenciais fontes de renda em: setor formal, um ambiente onde a renda é obtida a partir de fontes regulamentadas pelo Estado – salários, aposentadoria, pensões, subsídios; e o setor informal, o qual agrega as possibilidades de obtenção de renda informais. (PERES, 2015 apud HART, 1973, p.61).

O trabalho informal se expressa através de maiores taxas de desemprego e de desigualdade salarial, sendo a desigualdade salarial maior onde as taxas de desemprego são menores, implicando o aumento dos índices de desigualdade na distribuição da renda.

O enfrentamento da alienação do trabalho pelos trabalhadores vem implicando historicamente a luta por seus interesses coletivos e por seus direitos como livres proprietários contra a dilapidação de sua força de trabalho, de sua condição vital, passando pelo reconhecimento jurídico dos direitos relativos ao trabalho por parte do Estado, através de árdua batalha por uma legislação que os proteja (IANAMOTO, 2012, p.78).

O setor informal equivale a um conceito associado ao mercado de trabalho, estando presente nas feiras livres de todas as cidades.

[...] o funcionamento e as características da oferta de trabalho num mercado de compra e venda de serviços de mão-de-obra onde os contratos, além de não serem registrados junto à seguridade social, muitas vezes são mal definidos quanto ao tempo de duração e outros itens constitutivos básicos (funções, horas trabalhadas, remuneração, férias, descanso semanal remunerado, etc (CACCIAMALI, 2000, p.153).

Conforme Cacciamali (*apud* OIT, 1972),

O crescimento do setor informal tem como características: empreendimento familiar, aporte dos recursos próprios, pequena escala de produção, facilidade de ingresso, uso intensivo do fator trabalho e de tecnologia adaptada, aquisição das qualificações profissionais à parte do sistema escolar de ensino, e participação em mercados competitivos e não regulamentados pelo Estado. Com isso o setor da informalidade tem renda mínima ao contrário do setor de formalidade que chega a alcançar renda máxima.

Nas feiras livres encontramos pessoas na informalidade devido as dificuldades que as organizações, os indivíduos e o coletivo social vêm enfrentando para superar, com as regras legais vigentes ou os procedimentos-padrão, as mudanças estruturais econômicas, políticas e sociais em andamento, segundo Singer⁵ (p.63), “o trabalho assalariado, protegido legalmente, privilegiado socialmente, foi reduzido [...] e é relativo a uma minoria. [...] Isso é o

⁵ Disponível em: <<https://politicasculturais.files.wordpress.com/2009/03/a-crise-das-relac3a7c3b5es-de-trabalho.pdf>>. Acesso em 28 de nov. de 2018.

resultado de uma transformação política ideológica ou social e não uma imposição da tecnologia”. Todos precisam de alguma forma, sobreviver diante de tamanha crise e é nas feiras livres que muitos encontram uma forma de subsistência, a exemplo na compra e venda de produtos agrícolas, água, lanches, carregadores de celular, rifas, material de costura, artesanato, e até com apresentações culturais.

1.3 - Organização territorial como campo de contradições

As feiras livres são instaladas nos centros urbanos, em diferentes bairros, ocupando um território⁶, definido por um espaço sócio-ocupacional, com características e locais econômicos e socioculturais diferentes. O número de feirantes por feira livre é variável, além de que existem também os feirantes ambulantes, os trabalhadores que vivem da oferta de pequenos serviços (carregadores, vendedores de lanches e refrigerantes, trocadores de dinheiro para os feirantes etc.)

A feira livre, atividade varejista do “circuito inferior”, sofre constantes ameaças de extinção pelas redes de super e hipermercados, comércio varejistas do “circuito superior”, que buscam reproduzir a estética da feira livre, e em alguns casos, também o atendimento personalizado, característico da feira livre. O espaço urbano permeia a existência entre as atividades dos dois circuitos da economia, aspectos esses que possibilitam a organização e o fazer a feira livre.

Portanto a produção do espaço constitui uma continua luta entre os grupos sociais, também envolvendo as forças produtivas.

A organização é essencial no espaço sócio-ocupacional da feira livre, e é feita por pessoas situadas em lugares, defrontando-se com regras, valores, projetos e metas definidos de modo autônomo ou heterônomo; são pessoas posicionadas em degraus hierárquicos diferentes ou não; com maior ou menor amplitude de poder para definir os rumos de que se pretende organizar, os objetivos da empreitada bem como os caminhos

⁶ Conforme Saquet (2012, p. 34), “o território é um lugar de relações a partir da apropriação e produção do espaço geográfico, com o uso de energia e informação, assumindo desta maneira, um *novo* significado, mas sempre ligado ao controle e a dominação social. Enquanto para Abreu (2016, p. 10) “no caso do Território, esta imediatividade se materializa pela inclinação ao tecnicismo, como estratégia de “gestão da pobreza”, baseada no uso de indicadores e leituras diagnósticas da situação socioeconômica, política e cultural da população, objetivando o gerenciamento e a melhoria das condições consideradas desfavoráveis do “público/segmentos sociais”, visando a sua contingência.

adotados. [...] tendo-se em vista a dimensão técnica à disposição (equipamentos, máquinas, procedimentos etc.) e o ambiente socioeconômico e cultural no qual se insere (SATO, 2007, p.96).

Esse espaço urbano existe como um espaço humano pois é nele que o homem constrói e o reproduz através de diferentes classes sociais. Espaço este ligado a produção, fragmentado em virtude de cada um manter relações espaciais entre si e com o todo, o que gera uma movimentação de fluxos de pessoas, veículos e produtos.

É no espaço sócio ocupacional da feira livre que as relações sociais se (re)produzem em forma de conversas, amizades e oferecimento dos produtos vendidos neste ciclo; além dos tratamentos populares de compadre, comadres, lindas, tudo é válido para vender seus produtos, chamando a atenção de que esses laços de amizades cultivados nesse espaço, permanecem durante todo o tempo em que a pessoa frequenta a feira, sempre em busca daquele feirante que mantém esse tipo de amizade.

Segundo Saquet (2011, p.9), “o espaço é construído de maneira processual e dinâmica, constantemente reformulado e envolvendo, necessariamente, os órgãos do poder e as classes sociais dominantes e dominadas”. Isto significa para o autor que, a produção do espaço constitui uma contínua luta entre os grupos sociais, também envolvendo as forças produtivas. O espaço é, ao mesmo tempo, heterogêneo, em virtude das ações do Estado e dos agentes do capital que organizam o território de acordo com seus interesses.

Define-se como território ao recorte espacial com ideia de domínio ou gestão de determinada área. Área geográfica de poder do Estado ou estatal com forças políticas e econômicas na constituição do território.

Conforme Saquet e Silva (2008, p.14) “o território não se apresenta como forma definitiva e organizada do espaço, porém, há sinais que permitem acreditar que o território corresponde ao palco onde se realizam as atividades criadas a partir da herança cultural do povo que o ocupa”. Esse povo ocupante desse espaço traz consigo uma cultura familiar herdada e manifestada nesse espaço, através de marcas da religiosidade, da crença, aprendizagem ou troca de saberes, além de ser um lócus da cultura popular.

A autora Maria Helena Abreu, baseada na leitura marxista, coerente com os fundamentos teórico-metodológicos que orientam o Projeto ético-político da profissão do Serviço Social, nos traz sobre Território:

Como a reprodução mais imediata do real se apresenta por meio de sua aparência, sob o viés da operacionalização das políticas sociais, tem se difundido orientações normativas (prescritivas) que reduzem o debate do Território ao mero sinônimo de “comunidade, espaço territorial, espaço local”, [...] (ABREU, 2015, p.2).

Pois é dentro desse território que a comunidade se estabelece, para a redução das desigualdades sociais, pobreza e vulnerabilidade, em busca do emprego, mesmo sendo na informalidade.

E para gestão do território, Corrêa tem como ideia:

Por gestão do território, entende-se, resumidamente, as ações exercidas pelos agentes sociais, privados e públicos, no sentido de apropriar-se de um território e controlar a sua organização socioespacial. Visam estas últimas ações, em última instância, garantir a reprodução do sistema social do qual os agentes que dispõem de poder constituem os gestores do território (CORRÊA 2006, p.61).

Os locais de troca de produtos, antigamente eram feitos em áreas espalhadas pelo centro das cidades ou em volta de portos marítimos, nas cidades demarcadas pelos rios ou mares, até que foram determinadas geograficamente territórios para organização desse tipo de comércio, quando surgem as feiras livres.

Esses territórios foram ocupados como espaços organizacionais, onde na área interna, se comercializa produtos trazidos da zona rural, os quais abastecem a população local chamada de zona urbana.

[...] as feiras livres de um modo geral possuem elementos e características passíveis de uma leitura geográfica no âmbito da compreensão dos espaços apropriados, no sentido de haver os feirantes disputando entre si e/ou com o poder público municipal, territórios, buscando sua (re)afirmação no contexto de produção do espaço urbano frente esse período e meio técnico-científico-informacional” (SANTOS, 2013, p.41).

O poder público frente a políticas de ordenamento e gestão do espaço urbano organizará de forma socioespacial, visando a garantia da divisão social do trabalho, atuando como manda o capitalismo.

Espera-se com a publicação dos principais resultados do “Estudo da Dimensão Territorial para o Planejamento”, estar

contribuindo para que o Estado avance o seu olhar estratégico sobre os rumos que se deseja para o desenvolvimento nacional, ao mesmo tempo em que se municia para alcançar maior qualidade do gasto público (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, 2008, p. 11 – Vol I).

Nas feiras livres são cobradas taxas pelo uso do solo, de forma gradativa utilizando como padrão o tamanho do espaço ocupado pelas barracas, ou até mesmo as caixas que são postas no chão para a venda de algum produto.

Os atores sociais inclusos neste espaço sócio-ocupacional lutam pelo funcionamento, após a apropriação e definição do território afirmando a existência da feira livre. Existem também os feirantes atuantes em microterritórios, ou seja, em áreas delimitadas por esses sujeitos sócio-espaciais em avenida e rua da zona urbana, normalmente existindo duas ou três pessoas comercializando, podendo ser da mesma família.

É comum encontrar esses feirantes, nos microterritórios comercializando de forma provisória/permanente, carregadores, água, materiais de costuras, CD e DVD, flanelas etc., pelas vias urbanas, que conforme Santos,

[..] cujas relações coletivas humanas acontecem numa rápida dinâmica no que diz respeito à construção e desconstrução de espaços de sobrevivência, de convivência e de transitoriedade dos indivíduos que participam de tais dinâmicas socioespaciais. Ainda segundo o autor, [...] existe um respeito e reconhecimento, por parte dos feirantes - vendedores de cada canto (microterritório), como um subespaço do outro. Quando isso é transgredido têm-se conflitos, hostilidades e animosidades (SANTOS, 2013, p.47).

A via urbana é multiplicada em vários microterritórios, e não é raro encontrar esses ambulantes nos cantos da cidadina. Eles convivem em uma harmonia desde que um não invada o espaço do outro. A lei é da convivência e sobrevivência é para todos os que necessitam da informalidade para o sustento próprio e da família.

02- SEGUNDO CAPÍTULO – A FEIRA E SUA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ESPACIAL

A organização espacial da feira requer muita atenção por parte da gestão do território, que são as ações exercidas pelos agentes sociais, privados e públicos, pois vinculam-se à dinâmica interna do espaço, a partir da comercialização e circulação de produtos.

A dinâmica social nesse espaço são a criação de novas formas e funções, estabelecidas através de práticas de circulação de produtos que visam a acumulação do capital. Para Silva e Junior⁷ (p.4), “a estruturação das organizações espaciais é originada das práticas produtivas como: circulação e produção de materiais que se estabelecem de acordo com a dinâmica social”. Portanto esses espaços dinâmicos, tem se modificado ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo em que esse espaço se modifica, refletem tanto as relações de dominação e subalternidade como as relações de resistência, as contradições e conflitos de uma sociedade de classes.

De acordo com Santos (2014 *apud* SANTOS, 1979, p.65), “o desenvolvimento do modo de produção capitalista produziu distintas realidades sociais e espaciais”. A desigualdade social, pobreza e vulnerabilidade são características desse modo de produção.

Quanto a organização desse comércio periódico, feira livre, apresenta estruturas tradicionais, devido a existência de feirantes lavradores e feirantes comerciantes no espaço da feira. Para Silva et al (2014, *apud* SANTOS, 1979, p. 7) as feiras fazem parte do circuito inferior da economia urbana e continuando os autores,

Difundiu a teoria dos dois circuitos da economia urbana ao perceber que a modernização trazida pela globalização trouxe como repercussão a difusão da informação e de novas formas de consumo, de produção e de comércio. Os dois subsistemas econômicos, chamados de circuito superior e inferior, atendem a um determinado perfil de clientela ou grupos sociais.

Essa teoria dos dois subsistemas, foi criada por Santos, para melhor conhecimento do território urbano. O território é a demarcação geográfica que

⁷ Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/3751/3434>. Acesso em 11de fev. de 2019.

antecede o espaço, o qual se materializa dentro do território pelos sujeitos sociais que fazem a feira.

Na feira livre da cidade de Muritiba percebe-se a apropriação desse espaço, através das transações comerciais com a divisão social do trabalho, onde os feirantes, são os que promovem a gestão do espaço público e vendem ou trocam seus produtos.

Também é local de improvisos, onde barracas, panos no chão e carrinhos são arrumados de forma desorganizada para atender a clientela. Local de sons, cores e atrativos para uma boa venda dos produtos, além do colorido das frutas, verduras, hortaliças e demais produtos.

A precarização existente neste espaço inicia-se desde o assédio moral e sexual, a crianças e adolescentes forçadas a trabalhar para manter o seu sustento juntamente com sua família; há também os carregadores de compras que na precariedade sem garantia nenhuma de seus direitos trabalhistas, trabalham o dia todo transportando as feiras em carrinhos de mão, bicicletas ou motocicletas adaptadas com cestos plástico, como forma de trabalho na garantia de renda.

Segundo Sato (2009, p. 233),

A feira é um lugar em que muitos trabalhadores, desenvolvendo atividades como uma profissão ou como bico, realizando atividades de modo fixo ou trabalhando no que aparecer “se viram, pois abriga segmento da população que não pode “ficar parada”.

É nesse espaço sócio-ocupacional que os assistentes sociais deverá se inserir para mediação na garantia dos direitos diante das expressões e questões sociais de precarização do trabalho, perda de vínculos empregatícios, redução da jornada de trabalho dentre outros como a garantia dos direitos humanos estabelecidas pela Constituição Federal.

O território da feira livre de Muritiba iniciou na Avenida Durval Fraga, Centro, popularmente conhecida como a “Rua da Mata do Coco”, sendo posteriormente transferida para a \Rua Oito de Agosto, Centro, acontecendo nos dias de quartas-feiras, sextas-feiras e nos sábados, com barracas (cobertas com lona ou plásticos), pano no chão, ou alguns caixotes improvisados para exposição das mercadorias.

Essa feira atrai moradores das cidades e distritos circunvizinhos como, São Félix e seus distritos, Cruz das Almas, Governador Mangabeira e até mesmo de Maragojipe entre outros, para comercializarem e comprarem produtos de sua subsistência. Esses comerciantes/feirantes, chegam no espaço feira livre a partir das 4:00h da manhã, com sol ou chuva, permanecendo até o horário em que haja movimento de pessoas ou o fim do seu estoque de mercadorias.

Este espaço sócio-ocupacional é de enorme contribuição para a sociedade deste município, tanto em termos cultural, econômico quanto em termos sociais pois é um espaço que se configura o desenvolvimento do povo de Muritiba.

Conforme Sato (2007, p. 99), em entrevista a um feirante, há mais de vinte anos, Celso disse que: “Feira livre tem que ter feirante”. Continuando a autora ressalta que:

Essa frase conduz ao universo de significados sobre a convivência coletiva de vários microempresários (feirantes titulares e seus ajudantes, os feirantes ambulantes e um número de trabalhadores que vivem da feira livre. Ela remete a necessidade de convivência entre diversas pessoas com livre iniciativa, à possibilidade de construção de acordos e à manutenção de um tenuous equilíbrio entre relações cooperativas e competitivas (SATO, 2007, p. 99).

Nesse espaço territorial, que também significa espaço de sociabilidades, que para Abreu, é sinônimo de comunidade, espaço local e territorial, possibilita o estabelecimento de acordos entre os vizinhos de banca, construindo as regras de convivência para os feirantes, sem generalizações. Essas regras definem os horários de montagem e desmontagens das barracas, até a faixa de preços dos produtos a serem vendidos.

2.1 A produção sócio econômica da Feira

A feira gera trabalho e renda no campo, dinamiza a economia local e oferta a soberania alimentar para a população citadina, além de ser espaço privilegiado de organização e participação social.

A rotina diária de fazer a feira é motivada pela relação de confiança entre o feirante e o consumidor e as sociabilidades estabelecidas entre ambos além

da preferência por produtos naturais que só na feira livre se encontra podendo ser tocados, escolhidos e até experimentados.

Nesse espaço, a organização é típica do Circuito Inferior, ou seja primitiva, produtos expostos em suportes improvisados ou no calçamento das ruas; preços negociáveis entre feirante-vendedor e feirante-consumidor.

Esse espaço é produzido para atender as demandas, e entender o ciclo do capital, como se processa o circuito produção, distribuição, troca (circulação) e consumo permitindo refletir sobre a funcionalidade das feiras livres nos tempos históricos do modo de produção capitalista (LIMA, p.5)⁸.

Nos dias de feira esse lugar torna-se local de encontro de diversas comunidades rurais, e delas com os moradores da cidade. É um espaço de circulação de mercadorias, de histórias, de culturas, de informações e de vida. Nesses dias, movimenta-se a economia local, já que os feirantes aproveitam para usar os serviços da cidade e fazer compras.

Conforme Jesus (2016, p. 28) “a eficiência econômica dos atores que compõem a feira se caracteriza no gerenciamento e manutenção dos empreendimentos cooperativos ali existentes constituindo a identidade própria de ser feirante e freguês”. A comercialização na feira livre de Muritiba aquece um comércio que sobrevive mesmo com o crescimento da modernidade, devido a diversificação dos produtos comercializados atendendo aos diferentes consumidores que frequentam a feira. Desde confecções, hortifrúti, carnes, derivados da mandioca, artesanatos entre outros produtos vendidos que dinamiza a venda e compra dessas mercadorias.

Ser feirante é ter a capacidade de conduzir economicamente o seu “negócio”; mas é também ou acima de tudo, compreender o texto social que o tempo todo está impresso nos pequenos fazeres (SATO, 2007, p. 99). Animosidades na feira livre acontecem explicitamente a partir das conversas, das discussões e dos chamamentos em voz alta. Existe também as relações de cooperações e de competição entre os feirantes pois a feira é lugar de sobrevivência de muitos sujeitos sociais.

Sendo as feiras sonoras, sendo dissolvidas na paisagem local, realizam um movimento considerado pequeno, e como

⁸ Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/sbga/anais/arquivo/arquivo%2014.pdf>>. Acesso em 26 de fev. de 2019.

atendem uma parcela restrita e geram um movimento que dilui na economia informal, raramente são incluídas em programas de geração de renda e desenvolvimento. As feiras livres têm uma atenção pequena se comparada ao movimento econômico que promovem, visto que as feiras geram ocupação de renda e identidade regional (BOECHAT, 2011, p. 7).

Refletir sobre a funcionalidade econômica do modo de produção capitalista, nos traz a mente que esse espaço configura mais um comércio da agricultura familiar, onde relações identitárias, culturais e relações sociais estão consolidadas historicamente. É apenas o uso do território que passa a se tornar um espaço de sociabilidade e cultura. As barracas são armadas e desarmadas, e o território esvaziado, pois o homem é quem cria esse espaço.

Economicamente a feira de Muritiba traz grandes benefícios para a cidade pois é o momento da vinda de todos para o centro da cidade, onde ocorrem as compras e vendas tanto para o circuito inferior quanto para o circuito superior da economia, pois aos redores da feira livre, circuito inferior, encontra-se lojas, super e hiper mercados, farmácias, lanchonetes, bares que vendem bebidas, locais de lazer, de artesanato, das flores enfim de tudo o que não se encontra na feira livre vai se encontrar nesses mercados, movimentando assim a economia cidadina.

O poder público também lucra com a movimentação da feira livre pois são cobrados impostos/taxas pelo uso do solo aos feirantes. Esse valor é calculado⁹ pela Unidade Fiscal do Município (UFM), que encontra-se com o valor de R\$ 2,84 (dois reais e oitenta e quatro centavos) para ano de 2019.

Em pesquisa de campo feirantes declararam que pagam pelas barracas o valor de R\$ 2,00 (dois reais) por dias de feira, sendo as barracas menores.

Que o valor de armar e desarmarem as barracas são pagos a pessoas que fazem esse trabalho, não sendo contabilizados pelo poder público municipal.

Economicamente esses feirantes/barraqueiros declaram ter encontrado na feira livre de Muritiba meio de sobrevivência com vendas do seu produto excedente ou comprados de intermediários, mesmo estando na informalidade se realizam na feira livre por ser um lugar de cores e sons, encontros e desencontros além da socialização do homem da cidadão com o rural.

⁹ Segundo o Secretario de Desenvolvimento Econômico, Comércio e Indústria, que administra a feira livre de Muritiba, Luan dos Santos Simões, em entrevista realizada no dia 04/01/2019.

2.2 O movimento das Feiras: aspectos culturais e espaciais

A feira é espaço de socialização, identidade regional e cultural e também de articulação política. Essa organização espacial se modifica com o passar dos tempos, sofrendo transformações do mesmo modo que a sociedade também se transforma.

Ao se analisar a estrutura da feira livre apreende-se que a mesma, apresenta algumas deficiências as quais comprometem a circulação dos seus fluxos a exemplo de: frutas, farinhas, verdura, hortaliças e outros.

Tentar organizar a feira livre demanda muita paciência e persistência, devido a resistência encontrada com os feirantes e demais sujeitos sociais que ocupam o espaço.

Para muitos daqueles feirantes, a requalificação (“modernização”) aparece no conflito, nas ameaças de transformação do cotidiano, nas imposições de novas práticas, no deslocamento, quando as formas costumeiras de usos e as práticas são postas em questão e confrontadas pela fiscalização, repressão (SOUZA, 2010, p.130).

Em observação à feira livre de Muritiba, traz consigo resquícios da antiguidade, uma das ações são as medidas de litros, que permanecem até os dias atuais. Outra significação são as conversas entre os sujeitos sociais que não se centraliza apenas nos negócios e sim no cotidiano de ambos, notícias da cidade, da região e até mesmo do mundo.

Feira livre significa festa, e neste espaço sócio-ocupacional, a alegria é contagiante. É um espaço das conversas, das tradições, das compras e das vendas, e tais dimensões não podem ser resumidas.

Na modernidade a arte cotidiana com recursos pouco sofisticado, porém de um bom gosto, ressalta a estética da identidade da feira livre, que as grandes redes e supermercados tentam imitá-las.

Para Mascarenhas (2008, p. 82) “no ambiente festivo e amistoso da feira livre, em que brincadeiras acontecem com frequência, é restituído um pouco do sentimento de solidariedade e simpatia perdida na sociedade moderna”. A feira livre é um espaço em ambiente aberto, público e espontâneo, que pouco evoluiu,

por ser carregado de historicidade, área considerada sem valor na perspectiva do capitalismo, além de ser um território sem atuação das políticas públicas.

Considerando as concepções teórico-metodológicas, sobre as definições de território, partem do pressuposto que território é um espaço sempre em construção. Que para Sato (2007, p. 97) trata-se de um “[...] local de comércio, de trabalho e de sociabilidade”. Além de que esse espaço sócio espacial se moderniza constantemente com a ocupação dos sujeitos sociais que o transforma e “[...] faz-se da beleza, da brincadeira e move-se num mundo ritual, o que faz sobressair sua dimensão como espaço de convivência social” (SATO, 2007, p. 101).

Um dos movimentos espaciais na feira livre de Muritiba, são as barracas de venda de roupas que ganhou uma dimensão muito grande, devido aos preços que são comercializados e que atrai pessoas de toda a região circunvizinhas e distritais.

A maioria desses comerciantes são da cidade de Feira de Santana, e comercializam na feira livre nos dias de quartas-feiras, o que provoca uma correlação de forças com o comércio local que deixa de revender seus produtos pelo preço que não acompanha o da feira livre. As lojas pagam impostos e trabalham na formalidade, tendo que repassar esses custos para as mercadorias, enquanto os feirantes (barraqueiros) trabalham na informalidade, sem pagar nenhum tipo de imposto, barateando a sua mercadoria.

Essa prática de negócio na feira livre de Muritiba já acontece há bastante tempo, tornando-se cultural.

2.3 Feiras Livres: Territorialidade e poder

A feira livre, dominada pelo setor informal, apresenta elementos rústicos e técnicas tradicionais de exposição e venda, com possibilidades de barganha, permutas e pechinchas dos produtos exibidos nessa exposição coletiva.

Nessa trama de dinâmicas espaciais, as praças de comércio tradicionais ou feiras livres não se constituem como um espaço único, mas, como um espaço fracionado em territórios delimitados. No âmbito das feiras, são construídos territórios de compra, venda e troca, demarcados materialmente pelas barracas, bancas e outros objetos geográficos, bem como, subjetivamente pelos indivíduos que freqüentam esses espaços.

O poder público municipal, mais especificamente a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, é o Estado atuando como agente regulador na organização espacial da feira livre.

Para Saquet (2013, p.27) “segurança e oportunidade requerem uma organização interna do território bem como, relações externas, de poder e dominação”. Na feira livre de Muritiba o poder público municipal organiza esse espaço sócio-ocupacional com marcações no solo com tintas para divisão do espaço, o qual não são seguidos pelos feirantes. Essa intervenção do poder público é fragmentada por alguns feirantes que não seguem as regras e causam animosidades no espaço sócio-ocupacional.

Partindo do projeto teórico-metodológico do Serviço Social, percebe-se no interior da feira livre, as múltiplas expressões da questão social: pobreza, desemprego, violência, discriminação de gênero, raça, etnia e orientação sexual, dificuldade de acesso à saúde, à educação, trabalho precário, falta de moradia, violação dos direitos das crianças e dos idosos.

Os programas e políticas públicas garantidas pelo Serviço Único de Assistência Social (SUAS), não estão presentes nesse espaço sócio-ocupacional, porém os feirantes são atendidos fora desse território. Tão pouco encontramos as políticas sociais, tais como Educação e Saúde atuando nesse espaço sócio ocupacional da feira livre onde a vigilância sanitária se faz de extrema necessidade.

Nesse sentido o trabalho perde seu caráter humanizador, que completa o indivíduo e contribui para seu desenvolvimento enquanto ser humano. As novas relações de trabalho estabelecidas advinda com o novo modo de produção capitalista levam a desumanização e á alienação. Há trabalhos que embrutecem e deformam, além de não proporcionar condições para escapar da situação de penúria e privação na vida pessoal, familiar e social (REIS, 2014, p.17).

Não é raro presenciar na feira livre crianças na precarização do trabalho, na companhia dos familiares que muitas vezes sobrecarregam elas com responsabilidades que não lhes pertencem, ou muitas vezes, são mantidas na feira livre por não terem com quem ficar em casa, enquanto seus pais estão no trabalho como feirantes/comerciantes.

Essa é uma das inquietações, percebida pelo profissional do Serviço Social, mostra uma violação dos direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e

do Adolescente (ECA), onde registra-se que lugar de criança é na escola ou vivendo sua infância com brincadeiras pertinentes a sua idade.

A importância da feira também se dá na oportunidade de abastecimento de produtos de características locais, além de baratos e saudáveis, garantindo a soberania e a segurança alimentar, pois o consumidor sabe onde e como os alimentos foram produzidos e a segurança é garantida no valor acessível, na diversidade e no uso quase que nulo de agrotóxicos, o que serve como um impulsionador da agricultura familiar e o desenvolvimento rural em bases sustentáveis. Apesar de competirem com o comércio varejista, formado por mercados e supermercados, as feiras persistem e resistem, o que indica que além dos aspectos econômicos, elas trazem consigo aspectos de outras naturezas, como a social e a cultural (PEREIRA, *et al* 2017, p. 68).

É na área interna da feira livre, onde se encontram vários sujeitos sociais dentre eles estão os feirantes, os frequentadores que são aqueles que vão com outros objetivos, pessoas que consomem no próprio mercado, como alimentos prontos e bebidas, ou que consomem produtos pequenos, além de irem em encontro dos amigos, dar recados, etc. Os consumidores, aqueles que vão com outros objetivos, a exemplo ver amigos, dar recados, negociar animais ou terrenos, etc.;

A diferença na distribuição das áreas para o trabalho do feirante evidencia a condição desigual imposta pela dinâmica do crescimento urbano. A tentativa de homogeneizar não atende a todos os feirantes que ocupam esse local. Alguns demonstram insatisfação com a diferenciação, no entanto, não há uma organização coletiva para tentar buscar as possibilidades de melhorias. Essa situação desigual na organização da feira [...] é identificada também nas demais Feiras Livres pesquisadas (LIMA, 2012).

E não é a estrutura das barracas na feira livre que define a desigualdade social, segundo feirantes o espaço que é dado a uns e a outros reduz, é que provoca animosidade, desde que barracas maiores e mais centralizadas tendem a vender mais, atraindo os clientes. Dessa forma não há como homogeneizar nesse espaço.

[...] as principais mudanças, no que se refere às feiras e mercados, foram: a conversão de feiras móveis em fixas, redução do setor atacadista e uma maior especialização em hortifrutigranjeiros (gêneros estes altamente perecíveis e com

altos custos de conservação, e desinteressantes para os supermercados) (SOUZA, 2010, p.103).

No surgimento da feira livre o comércio de trocas de produtos acontecia em qualquer ponto da cidade, principalmente em volta dos portos, com a chegada de navegações, com a mudança esses microterritórios utilizados para este tipo de comércio passam a ser em um local fixo o qual chamamos de espaço sócio-ocupacional.

3 - TERCEIRO CAPÍTULO – A FEIRA LIVRE DE MURITIBA

Referente à origem da feira livre na cidade de Muritiba, não se sabe ao certo o período em que esta surgiu. Sabendo-se que as feiras surgiram com o aumento da população, nas zonas urbanas, popularizando as cidades.

A feira livre da cidade de Muritiba iniciou em pontos estratégicos da cidade, microterritórios, até que fosse encontrado um espaço urbano e a organização espacial começa a acontecer pelos agentes produtores como ambiente de trabalho e de fornecimento de produtos alimentares para a população local.

O mercado municipal de Muritiba, local de comércio varejista periódico, coberto, localizado na Rua Oito de Agosto, Centro, foi inaugurado no ano de 1957, na gestão do então prefeito municipal Dr. César Pereira Leite.

No interior desse mercado municipal, localizado no entorno da feira livre, existe comércio de farinha de mandioca, tapioca, beiju, pontos de bares e restaurante, além dos açougues frigoríficos onde se comercializam carnes verdes, salgadas, e carne branca.

Em dias de feira o espaço urbano é ocupado por sujeitos sociais, que frequentam o local, para realização de suas atividades econômicas, sociais e culturais. É nesse espaço das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, das vendas, além das cores, odores e sons, que várias pessoas fazem as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana.

Esse espaço sócio-ocupacional é gerido por sujeitos sociais, trabalhadores autônomos, ou seja aqueles que trabalham para si próprio, em busca do seu sustento e de sua família, os mesmos trabalham na informalidade sem seus direitos trabalhistas, pois não tem carteira assinada, descanso semanal, trabalham além das horas determinadas por Lei enfim numa total precarização do meio social.

Segundo Souza (2010, p.123, apud PRANDI, 1978, p.19-25) entende Trabalhador Autônomo como,

[...] a categoria de trabalhadores que “dependem quase exclusivamente do dispêndio da força de trabalho própria”. São “os artesãos, os pequenos vendedores, notadamente os ambulantes, os ocupados em serviços de reparação e pequenos consertos, os prestadores de serviços pessoais [...]”, além dos

profissionais liberais e os técnicos não assalariados, em que as condições de produção e prestação de serviços não requerem capital ou são constituídas sob baixa capitalização, dispõem de baixo nível de qualificação e condições materiais precárias”. São os segmentos que suas inserções ocupacionais estão associadas a estes elementos. Contudo, “há casos, também, dos conta própria ‘bem sucedidos economicamente’ misturados às ‘classes médias assalariadas’ e que logram alcançar razoáveis condições de existência”.

Os trabalhadores autônomos inseridos no espaço territorial feira livre, são provenientes de herança familiar ou desemprego ou em busca da sobrevivência que mesmo na informalidade e na precariedade encontra motivos fortes como a sociabilidade para permanecer na feira livre.

3.1 Aspectos sócio históricos do município de Muritiba/BA

Depois de quase três séculos de fundada e de 214 anos de ereta em freguesia Muritiba entrava assim a gozar as honras de Vila e Município. Em 17 de Julho de 1922, através da Lei De Nº 1560, Muritiba é Elevada a Termo. (MURITIBA, PORTAL DA PREFEITURA)¹⁰.

Logo mais em 03 de agosto de 1922, Muritiba é elevada à Categoria de Cidade, Lei esta sancionada pelo então Governador Dr. J.J. Seabra e festivamente no dia 08 de agosto de 1922. (MURITIBA, PORTAL DA PREFEITURA).

A origem do nome Muritiba se originou por causa de existência, em abundância naquela época, de uma palmeira chamada Boritiba, redundando-se na corruptela Moritiba ou Muritiba, conforme grafamos atualmente.

O Município de Muritiba é caracterizado em seu relevo pela existência de tabuleiros pré-litorâneos; com clima do tipo sub-úmido; na atividade econômica a população de Muritiba em idade ativa, se ocupa nos distritos com o ramo da agricultura, pecuária e a silvicultura; a mandioca e a fabricação de farinha, e seus derivados como beiju, goma, massa puba, etc., na lavoura ainda se destaca o plantio de milho, feijão, laranja, banana; na pecuária a criação de bovinos, suínos, caprinos e muares. (MURITIBA, PORTAL DA PREFEITURA).

¹⁰ Portal da prefeitura Municipal de Muritiba. Disponível em:<
<http://www.muritiba.ba.io.org.br/historia>>. Acesso em: 13 de fev. de 2019.

O município está localizado no planalto, Recôncavo da Bahia, limita-se com os municípios de Cachoeira, Cruz das Almas, São Félix, Cabaceiras do Paraguaçu e Governador Mangabeira, com área de 110.562 Km² ¹¹ e população de 28.899 (IBGE-2010).

Caracteriza-se na feira livre em um espaço que através de uma função social muda a organização espacial urbana, e que, atualmente, representa uma das mais antigas e resistentes modalidades do comércio varejista.

A comercialização de alimentos em feiras livres ainda representa uma grande tradição, sobretudo para comunidades de menor poder aquisitivo, nas quais existe pouca preocupação quanto à procedência e qualidade desses alimentos. A feira livre de Muritiba acontece em três dias da semana sendo quarta-feira, sexta-feira e sábado, localizada no centro da cidade, com espaço territorial apropriado para o desenvolvimento deste comércio.

A feira livre tem suas origens ligadas à origem das próprias sedes municipais. A cidade teve sua feira livre na Avenida Durval Fraga, Centro, popularmente conhecida como a “Rua da Mata do Coco”, por um longo período, a qual acontecia nos dias de quarta-feira e nos sábados, sendo transferida para a Rua Oito de Agosto, Centro, não sabendo-se precisar o ano, pois não foi encontrado nenhum registro.

No entorno da feira livre temos o mercado Municipal, farmácia, frigorífico, lanchonete e outros tipos de comércio, além de uma movimentação intensa de pedestres, carros, motos e bicicletas que se voltam quase que exclusivamente, para a movimentação da feira.

3.2 A Feira Livre de Muritiba e seus sujeitos (barraqueiros)

Os feirantes (barraqueiros) tem um papel importante na dinâmica da organização espacial da feira livre, pois são responsáveis pela sua construção efetiva. Segundo Silva e Junior, (p.10), “é atribuída aos feirantes a consolidação e a formação das centralidades”. Diante da situação de não ter alto grau de escolaridade, os feirantes (barraqueiros) ficam limitados de contribuir de forma

¹¹ Resolução do IBGE de 05 de outubro de 2002, Área Territorial dos Municípios da Bahia. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?c=1301407&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em 25 de jan. de 2019.

eficaz para a organização espacial bem como reivindicar melhores condições de trabalho (FIGURA 1).



*Figura 1- Feira Livre de Muritiba
Foto: ALMEIDA, MSS. 14 de fev. de 2019.*

As condições de trabalho na feira livre acontecem de forma precária, com o aumento da jornada de trabalho, o local não apropriado para as refeições, sem direito ao descanso, tendo como inquietação ao olhar do Serviço Social, na garantia de seus direitos, os feirantes convivem nesse espaço sócio-ocupacional de forma vulnerável.

O espaço torna-se mercadoria, uma vez que é utilizado para fins lucrativos. O papel desse Território enquanto espaço, é tornar-se um lugar de produção cultural, de sociabilidade, de construção de relações sociais e

simbólicas, que revela um universo como elemento fundamental na dinâmica cultural e de construção da identidade coletiva regional.

A feira livre de Muritiba encontra-se localizada atualmente na Rua Oito de Agosto, centro da cidade, a qual é acessível a todos, administrada pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Comércio e Indústria, sendo o Secretário o Sr. Luan dos Santos Simões, o qual informa em entrevista¹², que a área territorial da feira livre é aproximadamente 3.700m², devido ao crescente número de feirantes/comerciantes que chegam para a troca de compra e venda de produtos (FIGURA 2).



*Figura 2 - Feira Livre de Muritiba (Lugar de venda e sociabilidade)
Foto: ALMEIDA, MSS. 14 de fev. de 2019.*

Quanto ao funcionamento, as feiras acontecem nos dias de quarta-feira, sexta-feira e sábado. Sendo que, nos dias de quarta-feira, o potencial da feira livre são os têxteis, vindo comerciantes de toda a região tais como: São Félix,

¹² Entrevista com o Secretário de Desenvolvimento Econômico, Comércio e Indústria, Luan dos Santos Simões, no dia 04 de fev. de 2019, às 14:00h, no Paço da prefeitura municipal de Muritiba, local onde funciona a Secretaria.

Maragojipe, Cruz das Almas, Feira de Santana e dentre outras, para comercializar; nos dias de sexta-feira é composta pela população local com vendas em hortifrúti; já nos dias de sábado população maior de feirantes vindo de outras cidades circunvizinhas e zona rural.

Com o propósito de vivenciar a teoria-prática do processo de trabalho do assistente social, através do método de observação percebe-se que no dia de sábado o território sócio-ocupacional é todo tomado por feirantes/comerciantes, atacadistas, atravessadores, fiscais do poder público, donos de box, pessoas que transportam as compras da feira para as residências em carros de mão, pessoas que armam e desarmam barracas, pessoas que trabalham para os feirantes e donos dos box, compradores, visitantes etc.

Neste espaço o poder público além de fiscalizar e organizar o espaço, cobra taxas de uso do solo. Para o cálculo dessa taxa, cobrada aos feirantes/comerciantes, tem por base a Unidade Fiscal Municipal (UFM), regulamentada através do Decreto Municipal nº 001/2019¹³ (FIGURA 3).



Ainda segundo o Secretário, existem cadastrados¹⁴ no âmbito da

Figura 3, Feira Livre de Muritiba

Fonte: ALMEIDA, MSS, 16 de fev. 2019.

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Comércio e Indústria de Muritiba,

¹³ Decreto Municipal nº 001/2019, de 03 de janeiro de 2019, a qual atualiza a unidade fiscal do município – UFM, para o exercício de 2019, e dá outras providências.

¹⁴ Esse cadastramento, ao que se refere o Secretário Luan S. Simões, iniciou no ano de 2017, quando o mesmo assumiu a pasta, pois não existia em gestões passadas, sendo criado para facilitar o controle e atendimento aos feirantes/comerciantes, ressaltando que não existe uma associação que os representem.

um total 193 feirantes/comerciantes, nos dias de quartas-feiras; para os dias de sextas-feiras são 58 feirantes/comerciantes cadastrados e nos dias de sábados são 233 cadastrados, todos com barracas próprias ou cedidas pela Prefeitura.

Ressaltando que 70% dos feirantes/comerciantes cadastrados são de outras cidades e que as barracas cedidas da Prefeitura, têm local fixo para armazenamento e servidor para a montagem e desmontagem dentro da feira livre. Que o valor cobrado pela montagem e guarda das barracas particulares é fora do conhecimento do Poder Público, acordo entre eles próprios.

Conforme o secretário, mesmo sendo proibido, existem pessoas que colocam o pano no chão para vendas de produtos. Essas pessoas são as que vão chegando e se insere no meio dos feirantes. Porém para essas pessoas não há cobrança do uso do solo.

Visando manter a higienização do local, atendendo ao quanto determinado pela vigilância sanitária, a prefeitura local disponibiliza servidores públicos municipais para a limpeza do espaço sócio-ocupacional, da feira livre que ocorre sempre a partir das 14:00h, dos dias em que acontece a feira.

Esse espaço sócio-ocupacional é também local de sociabilidades, de relações sociais, onde acontece os encontros dos feirantes, consumidores e demais atores sociais que ali frequentam. Que para Sato (2007, p.97) tem um significado social: “[...] local de comércio, de trabalho e de sociabilidade”. É um espaço diversificado, utilizado também para o abastecimento dos produtos de primeira necessidades (FIGURAS 4 e 5).



*Figura 4 - Feira Livre de Muritiba
Fonte: ALMEIDA, MSS, 16 de fev. 2019*



*Figura 5 - Feira Livre de Muritiba
Fonte: ALMEIDA, MSS, 16 de fev. 2019.*

3.3 A Feira Livre de Muritiba enquanto território de organização e resistências

A feira livre é um importante espaço de comercialização dos produtos agrícolas, indo muito além disso: é também espaço de socialização, identidade regional e cultural e também de articulação política.

Gera trabalho e renda no campo, dinamiza a economia local e oferta a segurança alimentar para a população urbana, além de ser espaço privilegiado de organização e participação social (FIGURA 6).



*Figura 6 - Feira Livre de Muritiba
Fonte: ALMEIDA, MSS, 16 de fev. 2019*

A diferença na distribuição das áreas para o trabalho do feirante evidencia a condição desigual imposta pela dinâmica do crescimento urbano, o que inquieta o profissional do Serviço Social, vindo a atuar nesse espaço em defesa dos direitos desses atores sociais (FIGURA 7).



*Figura 7, Feira Livre de Muritiba
Fonte: ALMEIDA, MSS, 16 de fev. de 2019.*

Em observação na feira livre sobre os pontos fortes e pontos fracos de cada empreendimento, assim como suas ameaças e potencialidades identificam que:

- O feirante é tido como protagonista de suas ações dentro de seu próprio negócio, uma vez que uma simples barraca de feira torna-se, a principal fonte de renda das famílias envolvidas, além de ser uma importante vitrine dos produtos produzidos;

- A capacitação dos envolvidos e o investimentos nestas vitrines foram balizadores da composição de políticas públicas;

- As barracas possuem sérios problemas de conservação e despadronização quanto às feiras locais.

- Desarmonias na coloração das lonas das barracas, tratando-se de uma redução de custos aos feirantes, que não possui condições de padronizar estas barracas, muito menos placas de procedência e uniforme

Os feirantes podem ser compreendidos enquanto comerciantes, no que Milton Santos chama de Circuito Inferior:

Lima (2012, apud SANTOS, 1979, p.187) nos traz sobre os feirantes comerciantes,

Na feira as negociações são realizadas, possibilitando, o momento onde os preços são alterados para garantir a comercialização especialmente por se tratarem de produtos perecíveis que necessitam ser vendido num curto espaço de

tempo como é o caso do horário da xepa, no qual o feirante reduz de forma significativa os preços para tentar escoar a maior parte das mercadorias possíveis evitando maiores prejuízos (LIMA, 2012, p.111).

Os feirantes/barraqueiros chegam nesse espaço sócio-ocupacional a partir das 4:00h da manhã, trazendo seus produtos para a comercialização, colocando os preços altos nos primeiros momentos da venda por serem esses produtos de primeira qualidade e com o decorrer do dia vai havendo promoções no preço das mercadorias por serem as sobras das selecionadas que muitas vezes já perderam suas qualidades. Nesse momento a xepa¹⁵ é necessário para que o produto restante não volte com o feirante tornando-se um prejuízo, por serem perecíveis.

Utilizando-se da dimensão teórico-metodológico, para a construção do estudo explanatório, foi desenvolvida através do método de pesquisa, de caráter qualitativo e quantitativo, entrevistas com os feirantes (barraqueiros), que servirá como suporte para construção dos dados sobre a organização territorial e política da feira livre de Muritiba, além de identificar as condições de trabalho desses feirantes, compreender como os trabalhadores da feira (barraqueiros) se organizam neste espaço e como se dá a relação entre o Poder Público local e os feirantes.

Com relação aos feirantes cadastrados pela poder público municipal, no total de 233, nos dias de sábado. Foram entrevistados 27 feirantes (barraqueiros) dos quais 21 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino (TABELA 1).

TABELA 1
Pessoas entrevistadas por sexo

SEXO	
Masculino	Feminino
21	6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

¹⁵ Significa Frutas, legumes, verduras etc, que não foram vendidos na feira livre e que os feirantes deixam na rua e são coletadas pelas pessoas. Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/xepa/>>. Acesso em: 04/03/2019.

Em relação a escolaridade desses feirantes entrevistados foi constatado que apenas um era não alfabetizado, 15 deles com primário completo ou fundamental incompleto, 06 com fundamental completo ou nível médio incompleto, 04 com nível médio completo ou superior incompleto e apenas 01 com nível superior completo. Nota-se que a maior parte dos feirantes entrevistados possuem baixa escolaridade, evidenciando que a feira livre é uma atividade comercial praticada, muitas vezes, por pessoas que não concluíram o ensino formal, e que a feira livre é uma forma de garantir o seu sustento sem exigir maiores instruções (TABELA 2).

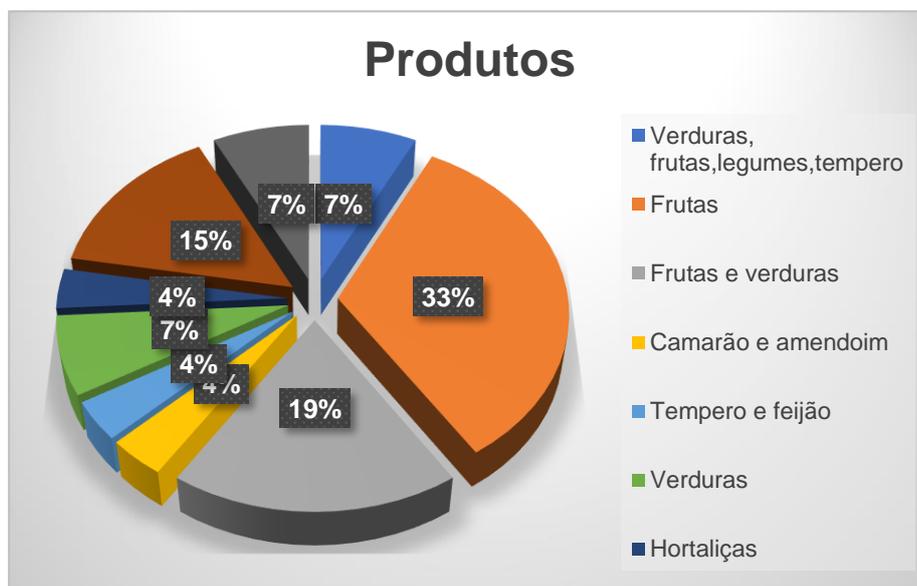
TABELA 2
Escolaridade dos feirantes entrevistados

ESCOLARIDADE				
Não alfabetizado	Primário completo ou fundamental incompleto	Fundamental completo ou nível médio incompleto	Nível médio completo ou superior incompleto	Superior completo
01	15	06	04	01

Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

Quanto aos tipos de produtos comercializados na feira livre por feirantes entrevistados, 33% vendem frutas, 19% vendem frutas e verduras, 4% amendoim e camarão, 4% tempero e feijão, 7% verduras, 4% hortaliças, 15% frutas e legumes e 14% são feirantes que vendem mais de um desses produtos (GRÁFICO 1).

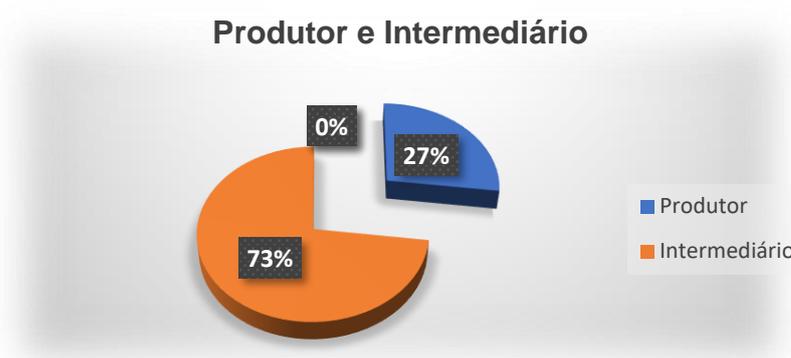
GRÁFICO 1
PRODUTOS COMERCIALIZADOS PELOS FEIRANTES



Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

Diferentemente do que acontecia no início do surgimento da feira livre, onde prevalecia a venda direta dos pequenos produtores, hoje conforme observado entre os 27 feirantes entrevistados, 10 desses feirantes (27%) trabalham no campo e produzem o que estão comercializando, enquanto 17 (73%), compram para revender, reafirmando ser esse espaço sócio-ocupacional a única fonte de renda para o seu sustento. (GRÁFICO 2).

GRÁFICO 2
Produtores para venda e Intermediário (revenda)



Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

Dos locais onde os produtos são adquiridos para revendas, várias são as cidades e no próprio município. Foram observados que 40% dos produtos comercializados na feira livre de Muritiba são provenientes da cidade de São Félix, 32% da cidade de Feira de Santana (adquiridos na CEASA), 8% da cidade de Maragojipe e outros 20% das demais cidades, ressaltando que uma parte destes produtos são comprados e outra produzida pelo próprio feirante (GRÁFICO 3).

GRÁFICO 3

Cidades de origem dos produtos comercializados pelos feirantes

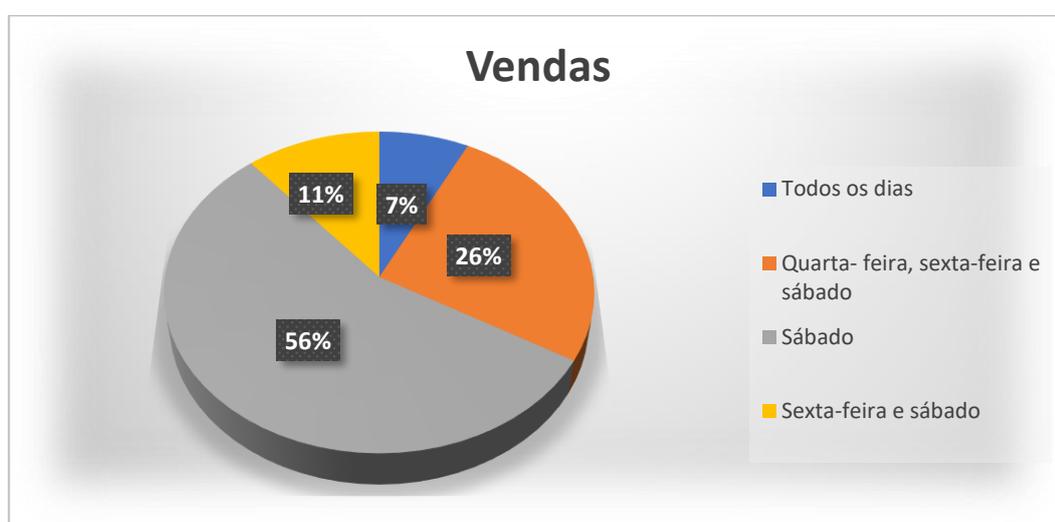


Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

Com o objetivo de adquirir renda para a sua sobrevivência e de sua família os feirantes não caracterizam-se capitalista pois não empregam trabalho

assalariado e sim familiar. Alguns dos feirantes cadastrados, no intuito de aumentar a renda familiar, fazem a feira não só um dia da semana, podendo ser em até todos os dias, com barracas móveis. Dentre os feirantes entrevistados 7% comercializam todos os dias da semana, 26% comercializam nos dias de quarta-feira, sexta e sábado, 11% nos dias de sexta-feira e sábado e 56% vendem apenas nos dias de sábado (GRÁFICO 4).

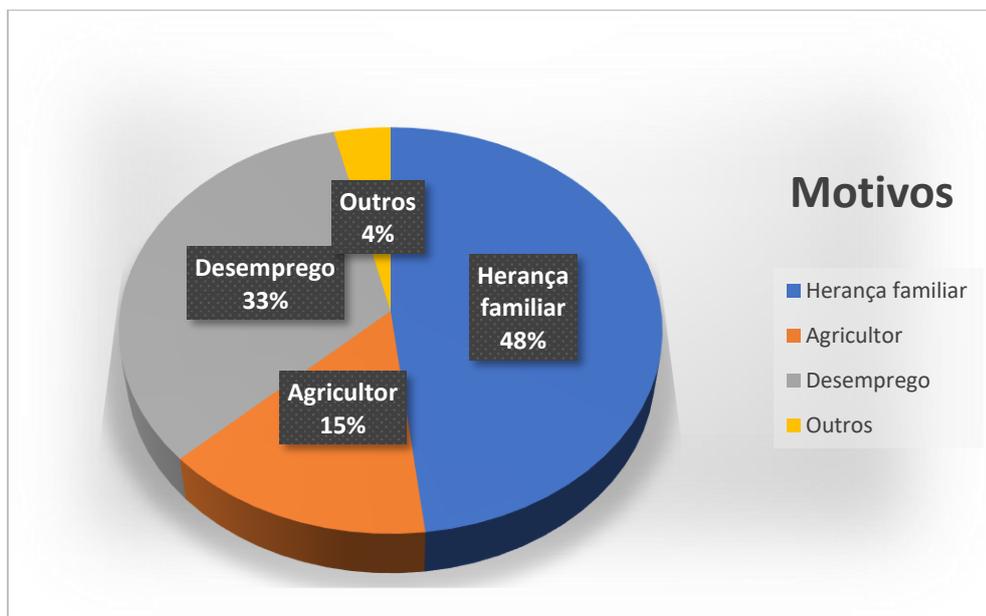
Gráfico 4
Dias de comércio na feira livre



Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

Conforme a pesquisa que norteia esse trabalho, buscou-se apreender o porquê das pessoas vir para a feira livre, e para tanto 48% tornou-se feirante por herança familiar, 15% por ser agricultor e comercializa seus produtos, 33% por desemprego, estando na informalidade e 4 % por outros motivos (GRÁFICO 5).

Gráfico 5
Motivos apontados pelos feirante como justificativa para desenvolver tal atividade na feira livre



Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

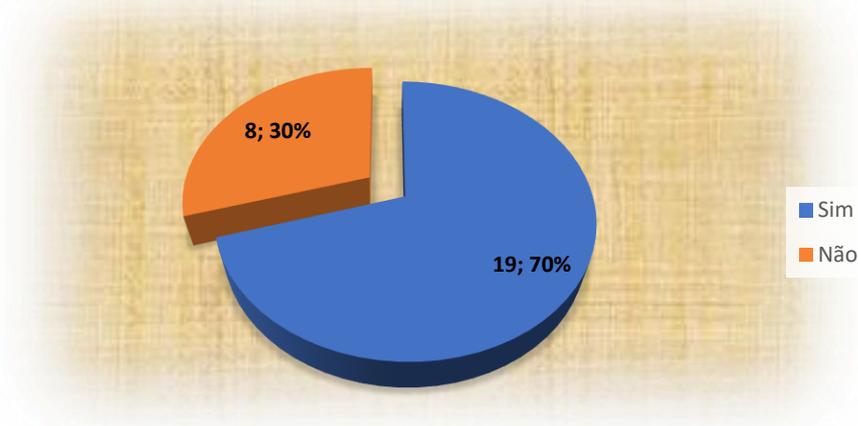
Necessário se faz entender como ocorre o processo de apropriação do espaço. Perguntado como os feirantes organizam esse espaço sócio-ocupacional, todos os entrevistados responderam que é da melhor forma possível, entre si, e que as regras existentes são tácitas, e não está escrito em lugar nenhum. Quem chega vai conhecendo e seguindo as regras. As transformações vão acontecendo devido ao aumento populacional na feira, e atendendo as necessidades de se adequar aos interesses da ampliação da divisão social e territorial do trabalho, promovendo a interação campo-cidade.

Os feirantes tem um papel importante na dinâmica da organização espacial da feira livre, sendo os responsáveis pela sua construção efetiva. Nessa perspectiva analisou-se o espaço sócio ocupacional da feira livre de Muritiba, que na visão dos feirantes, ao serem entrevistados se o espaço atende as necessidades dos feirantes, 30% responderam que não, enquanto 70% responderam que sim (GRÁFICO 6).

Gráfico 6

O espaço sócio-ocupacional atende suas necessidades como feirantes (barraqueiros)?

ESPAÇO ATENDE AS NECESSIDADES



Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

A organização espacial da feira livre tem características heterogêneas, por esta razão em análise as opiniões dos feirantes, postas através de questões aberta e espontânea sobre as condições de trabalho nesse espaço sócio-ocupacional, 33% responderam boa, 37% ruim, 8% péssimo e 22% não opinaram (GRÁFICO 7).

Gráfico 7

Condições de trabalho no espaço sócio-ocupacional



Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

Sendo a feira livre composta de pessoas de diferentes culturas e que precisam ter suas demandas entendidas e atendidas pelo poder público, nesta pesquisa de caráter acadêmica, os entrevistados tiveram a oportunidade para expressarem suas opiniões em relação à gestão do espaço da feira livre de Muritiba, no que envolve estrutura, organização e limpeza.

Dentre as sugestões colocadas para melhorias da feira livre de Muritiba, pelos feirantes (barraqueiros) foram as seguintes: padronização das barracas; melhorar a gestão do mercado periódico; feirantes se unirem na busca dos interesses comuns a todos; conscientizar os feirantes quanto à importância da organização e limpeza da feira livre; contratar pessoas para fiscalização da feira livre; o gestor da feira deve atuar de forma mais efetiva; disponibilizar para os feirantes, barracas padronizadas; melhorar a limpeza da feira livre; local apropriado para as pessoas que trabalham transportando as feiras dos consumidores; criar estacionamento próprio para os feirantes; extinção da taxa para armar e desarmar as barracas; construção de Barracas de tijolos, ou seja, fixas e climatizadas; organizar os veículos que pegam as feiras, tirando do interior da mesma (TABELA 3).

Tabela 3
Sugestões para melhorias da feira livre

Sugestão 1	Padronização das barracas
Sugestão 2	Melhorar a gestão do mercado periódico
Sugestão 3	Feirantes se unirem na busca dos interesses comuns a todos
Sugestão 4	Conscientizar os feirantes quanto à importância da organização e limpeza da feira livre.
Sugestão 5	Contratar pessoas para fiscalização da feira livre
Sugestão 6	O gestor da feira deve atuar de forma mais efetiva
Sugestão 7	Disponibilizar para os feirantes, barracas padronizadas
Sugestão 8	Melhorar a limpeza da feira livre
Sugestão 9	Local apropriado para as pessoas que trabalham transportando as compras dos consumidores.
Sugestão 10	Criar estacionamento próprio para os feirantes
Sugestão 11	Extinção da taxa para armar e desarmar as barracas
Sugestão 12	Construção de Barracas de tijolos, ou seja, fixas e climatizadas
Sugestão 13	Organizar os veículos que pegam as feiras, tirando do interior da mesma.

Fonte: Pesquisa de Campo – 2019.

Através dos dados apresentados, apreende-se que a feira livre de Muritiba, apresenta algumas deficiências que comprometem a circulação de seus fluxos, e que há inexistência de locais destinados para o estacionamento dos veículos de propriedades dos feirantes, desorganização na gestão da feira, infraestrutura inadequada, precariedade na informalidade e mais especificamente, nas atividades de rua, as quais, no contexto atual, sofrem com mudanças no ordenamento público e também com a entrada expressiva de “novos informais”.

Outro aspecto relevante no espaço sócio ocupacional da feira livre é a precarização do trabalho, que de forma abrangente precisa ser delineado em seus contextos específicos, pois constitui um processo de fragilização da condição de classe trabalhadora, uma deteriorização da condição humana.

CONCLUSÃO:

Com o objetivo geral de discutir a organização territorial e política da feira livre de Muritiba segundo os feirantes e objetivos específicos: identificar as condições de trabalho desses feirantes, compreender como os trabalhadores da feira (barraqueiros) se organizam neste espaço e como se dá a relação entre o poder público local e os feirantes, iniciei minha pesquisa de campo, com entrevistas respondendo ao questionário elaborado de forma qualitativa e quantitativa, para composição dos dados em análises.

Concluimos que nesse espaço, da feira livre, as barracas convivem lado a lado, com mercadorias alimentares, em algumas vezes, em más condições de armazenamento, acondicionamento e exposição direta ao ambiente, sem controle higiênico-sanitário nos locais onde são vendidos, permitindo a contaminação e veiculação de agentes infecciosos.

Assim, semanalmente o espaço urbano é ocupado por inúmeros sujeitos rurais que vêm realizar suas atividades econômicas, sociais e culturais. Para tais atividades, há uma interação entre o feirante e o consumidor, efetuando assim as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana.

Portanto as feiras-livres, em sua dinâmica e realidade, não são encaradas apenas como refúgio de uma massa de produtores (tidos como atores) marginalizados pela competição com grandes redes varejistas, sem quaisquer perspectivas de crescimento de suas atividades.

A feira livre é um espaço utilizado para tirar o agricultor do anonimato, proporcionando oportunidades e condições de negociar seu produto excedente além de contribuir para o abastecimento local.

No modo de produção capitalista a exploração do trabalho, são materializadas com as desigualdades espaciais e indicam as contradições que ocorrem mediante a divisão social e territorial que define e redefine a produção do espaço. Esse processo de produção continua em movimento com a acumulação do capital.

A efetivação do ciclo do capital se dá através da circulação consumo dos produtos agropecuários, zona rural com citadinos. A dominação é plena, observadas na pesquisa e em entrevistas aos feirantes, concluimos que a baixa escolaridade interfere nas decisões em mudanças para o melhoramento desse

espaço sócio-ocupacional, e que a falta de intervenção do poder público para uma nova configuração do espaço é notória pelos os sujeitos sociais.

Ao serem perguntados por sugestões para melhoria na feira livre foi apontado por unanimidade, para que o poder público municipal atue na fiscalização da demarcação desse território, que apesar de ser marcado, as pessoas não respeitam e invadem áreas que não são para uso próprio.

Outra sugestão citada pelos entrevistados foram a padronização das barracas, algumas se encontram em péssimo estado de conservação.

Enfim mesmo com a dominação capitalista presente neste espaço sócio-ocupacional, os feirantes são quem materializa o território, fazendo a feira e tornando o espaço um lugar de sociabilidades.

Concluindo, todos os objetivos foram alcançados, a feira livre de Miritiba apesar das discordâncias, foi apontada pelos feirantes como um lugar adequado para o tipo de comércio que se desenvolve. É perceptível como neste contexto existe regressão e desmonte dos direitos sociais, quando são uma conquista histórica da classe trabalhadora e constitucionalmente assegurados.

Frente aos resultados, esperando que venha a contribuir na inserção do exercício profissional do(a) assistente social, neste espaço sócio-ocupacional, onde percebe-se, no interior da feira livre, as múltiplas expressões da questão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Maria Helena Elpidio. **Território e Política Social no Contexto da Ideologia Neodesenvolvimentista no Brasil**. 2015. 15f. Artigo parte da pesquisa para tese de Doutorado em curso no PPGSS. Programa de Pós-graduação em Serviço Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2015

ALMEIDA, Shirley Patricia Nogueira de Castro e. **FAZENDO A FEIRA: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. Dissertação, Universidade Estadual De Montes Claros PPGDS – Programa De Pós-Graduação Em Desenvolvimento Social, 2009.

AMBONI, Vanderlei. **O MERCADOR NAS FEIRAS DA IDADE MÉDIA: A CIVILIDADE DO ATO DE COMPRAR E VENDER**. Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais, ISSN 2177 6687, MARINGÁ, 2011.

Bíblia Sagrada, Tradução da CNBB com introduções e notas, Décima Segunda Reedição. Editora Canção Nova. 2012.

BOECHAT, Patrícia Teresa Vaz e SANTOS, Jaqueline Lima dos. **Feira Livre: Dinâmicas Espaciais e Relações Identitárias**. 2011, fls. 1-11. Mestrandas do Programa de Pós Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Bahia - Campus V. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7418705-Feira-livre-dinamicas-espaciais-e-relacoes-identitarias.html>>. Acesso em 25 de jan. de 2019.

Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) – MTE, 2018. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php>. Acesso em: 15 de jan. de 2019.

Dicio – Dicionário Online da Língua Portuguesa
Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/heteronomo/>> Acesso em: 25 de jan. de 2019.

Dicionário Informal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/xepa/>>. Acesso em: 04/03/2019.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

HART, K. Informal income opportunities and urban employment in Ghana. *Journal of Modern African Studies*, Cambridge University Press, v. 3, n. 11, p. 61-89, 1973.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. 21. ed. Rio de Janeiro; LTC editora, 1986.

Disponível em: http://resistir.info/livros/historia_da_riqueza_do_homem.pdf.>
Acesso em: 19 de jan. de 2019.

JESUS, Danuzia Xavier de e DAMERCÊ, Naiane Oliveira. **Feira e lugar: um olhar humanista sobre a feira-livre de Jacobina-BA. Monografia de Graduação. Jacobina, UFRB/BA, 2016.**

LIMA, Eliany Dionisio. **A feira livre na mediação campo-cidade**. 2012, 185fls. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Sergipe.

_____. **A feira livre como elo entre campo e cidade: uma análise a partir de Feira de Santana, Bahia**. UNEB – Professora. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/sbga/anais/arquivo/arquivo%2014.pdf>>. Acesso em 26 de fev. de 2019.

LOPEZ, Robert AS. **Revolução Comercial da Idade Média 950-135**. Lisboa (Portugal): Editora Presença, 1980.

MARTINUCI, Oseias da Silva. **Circuitos e Modelos da Desigualdade Social Intra-urbana**. 2008. 156 fls. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Presidente Prudente.

MASCARENHAS, Gilmar. **Feira Livre: Territorialidade Popular e Cultura na Metrópole Contemporânea**. 2008, p. 72-87. Ateliê Geográfico, Revista Eletrônica. Goiânia-GO. v.2, n.2

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. **Estudo da Dimensão Territorial para o Planejamento: Volume I - Estratégia 2008-2027 (20 anos)**. Brasília (DF), 2008.

MINNAERT, Ana Claudia de S. Teles. **A FEIRA LIVRE SOB UM OLHAR ETNOGRÁFICO**. EDUFBA, 2008.

Disponível em <<http://books.scielo.org/id/9q/08>> acesso em 22 de novembro de 2018.

MOTT, Luís Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num Município sergipano de Baixo S. Francisco**. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Social) Universidade de Campinas, Campinas/SP, 1975.

PERES, Thiago Brandão. Revista da ABET, v. 14, n. 2, Julho a Dezembro de 2015.

PEREIRA, Guimarães; BRITO, Tayrine Parreira; PEREIRA, Samanta Borges. **A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em**

Conceição do Mato Dentro(MG). Revista Ciências Humanas - UNITAU, Taubaté/SP - Brasil, v. 10, edição 20, Dezembro 2017.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Configuração sócioespacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-BA e arredores no circuito inferior da economia.** Dissertação (Mestrado em Geografia), UFBA, 2005.

Portal da Prefeitura Municipal de Muritiba. Disponível em:<
<http://www.muritiba.ba.io.org.br/historia>>. Acesso em: 13 de fev. de 2019.

RAU, Virgina. **Feiras Medievais portuguesas:** Subsídios para seu estudo. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

REIS, Cíntia Ribeiro dos. **Trabalho infantil em feira livre no município de Cruz das Almas: um estudo sobre o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos.** 2014, 89 fls. Monografia em Serviço Social, UFRB, 2014.

ROMA, Cláudia Marques. **Circuito Inferior da Economia Urbana e Cidades Locais-Híbridas.** Mercator, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 23-36, abr./jun., 2016. Disponível em: < www.mercator.ufc.br> Acesso em: 26 de jan. de 2019.

Resolução *do IBGE nº 05 de 2002/ BAHIA* Wikisource
Disponível em:
<[https://pt.wikisource.org/wiki/Resolução_do_IBGE_05_de_2002/Bahia](https://pt.wikisource.org/wiki/Resolu%C3%A7%C3%A3o_do_IBGE_05_de_2002/Bahia)>.
Acesso em: 14 de jan. de 2019.

SANTOS, José Erimar. Geografia Ensino & Pesquisa, vol.17, n.2, mai./ago. 2013.

-----, et al. **Feira Livre como Lugar Privilegiado para a (Re)produção e (Re)invenção de Práticas Espaciais e Sócio culturais Populares: a Feira Livre de Ceará-Mirim (RN).**
Disponível em:
<<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/download/3523/4003/0>>.
Acesso em: 29 de jan. de 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

-----, **O espaço dividido: os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos** -Rio de Janeiro, F. Alves, 1979.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-1.

_____. Outras expressões, 3ª edição, São Paulo, 2013.

Disponível em:

<<https://poscomufes2014.files.wordpress.com/2014/05/abordagens-e-concepc3a7c3b5es-de-territc3b3rio1.pdf>>. Acesso em 30 de nov. de 2018.

----- e Silva, Sueli Santos da. ISSN 1981-9021 - Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. P. 24-42.

SATO, Leny. **Visitando a feira livre: notas sobre sua organização e seu trabalho**. Universidade de São Paulo, Mnemosine Vol.5, nº 2, p.227-248 (2009) - Artigos.

SERRA, José Trindade Ordep. **Rumores de Festas: o sagrado e o profano na Bahia**. [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2009, 188 p. ISBN 978-85-232-1231-5.

Disponível em:< <http://books.scielo.org/id/83rmh/pdf/serra-9788523212315.pdf>>. Acesso em: 22 de nov. de 2018.

SILVA, Livia Alves da Silva e JUNIOR, Israel de Oliveira. Os agentes produtores do espaço na organização espacial da feira livre do Bairro Cidade Nova. Disponível em:

<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/3751/3434>. Acesso em 11 de fev. de 2019.

SILVA, Daciane de Oliveira Silva et all. **Caracterização e análise da feira livre de Cruz das Almas-BA sob a ótica do planejamento e gestão municipal**. CAMINHOS DE GEOGRAFIA - revista on line, ISSN 1678-6343. Uberlândia, V.15, n.49, mar./2014. P.01-13. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/>. Acesso em: 26 de jan. de 2019.

SINGER, Paul. **A crise das relações de trabalho**. P. 63.

Disponível em:<<https://politicasculturais.files.wordpress.com/2009/03/a-crise-das-relac3a7c3b5es-de-trabalho.pdf>>. Acesso em 28 de nov. de 2018.

SOUZA, Márcio Nicory Costa. **A teia da Feira: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia**. 2010. 252fl.: il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **A teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação**. Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente: AGB, n. 21, p. 43-51, 1999.

WOOD, Ellen Meiksnis. **Democracia contra capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2003.

APÊNDICE A

Pesquisa desenvolvida no espaço sócio-ocupacional da feira livre de Muritiba

Esta pesquisa foi desenvolvida através de estudo exploratório de caráter qualitativo e quantitativo, com questões objetivas e subjetivas, sendo este questionário utilizado como instrumento, que após sua aplicação, tabulação e análise de seus dados, servirá de suporte para construção dos dados sobre a organização territorial e política da feira livre de Muritiba, além de identificar as condições de trabalho desses feirantes, compreender como os trabalhadores da feira (barraqueiros) se organizam neste espaço e como se dá a relação entre o Poder Público local e os feirantes.

QUESTIONÁRIO APLICADO NA FEIRA LIVRE DE MURITIBA, AOS FEIRANTES (BARRAQUEIROS).

Questionário nº _____

01- Dados pessoais:

Nome: _____

Sexo: _____

Idade: _____

02- Em relação a sua formação escolar?

- a) () Primário completo e fundamental incompleto.
- b) () Fundamental completo e nível médio incompleto.
- c) () Nível médio completo e superior incompleto.
- d) () Superior completo.
- e) () Outros

03- Em qual município você mora?

- a) () Muritiba.
- b) () Outros municípios. Qual? _____

04- Onde se localiza sua residência?

- a) () Zona Rural b) () Zona Urbana

05- Que tipo de produto você vende na feira?

- a) () verduras
a) () frutas
b) () carnes
c) () legumes
d) () roupas
e) () outros, favor especificar _____

06- De onde vem esses produtos?

07- Você compra diretamente do produtor ou intermediário?

08- Qual o dia da semana que você vende na feira?

- a) () Quarta-feira
b) () Sexta-feira
c) () Sábado

09- Você trabalha por conta própria?

- a) () Sim b) () Não

10- Quais pessoas trabalham para você?

- a) () Familiares b) () Outros c) () Trabalho sozinho

11- Além da feira o Senhor(a) trabalha com outra atividade?

- a) () Sim b) () Não

12- (se sim) Qual?

13- Você trabalha em feiras de outros municípios?

- a) () Sim b) () Não

14- Como a prefeitura municipal promove a gestão e o planejamento da feira livre de Muritiba?

15- Você paga taxas/impostos sobre o uso do solo na feira livre?

- a) () Sim b) () Não

16- (se sim) Quanto paga mensalmente?

17- Desde quando você começou a trabalhar nesta feira?

18- Qual o motivo de você vir para a feira livre?

- a) () agricultor, vender o excedente
b) () herança familiar
c) () desemprego

19- Como os feirantes (barraqueiros) organizam esse espaço sócio-ocupacional?

20- Quais são as condições de trabalho neste espaço sócio-ocupacional?

21- Quantas são as horas trabalhadas por dia na feira livre?

APÊNDICE B



DIÁRIO OFICIAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE MURITIBA - BA

Sexta-feira – 11 de Janeiro de 2019 – Ano III – Edição n° 02 – Caderno 04

Esta edição encontra-se disponível no site www.diariooficialba.com.br e garantido sua autenticidade por certificado digital ICP-BRASIL.

Prefeitura Municipal de Muritiba publica:

- DECRETOS MUNICIPAIS Nº 001; 002/2019



Imprensa Oficial
 UMA GESTÃO LEGAL E TRANSPARENTE.

REDE
 GERAL
 SERVIÇOS
 LTDA
 INSC. ESTADUAL 18
 6000182

IMPRESSORA
 DE MURITIBA
 DE MURITIBA

Acompanhe!

DIÁRIO OFICIAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE MURITIBA - BA

Sexta-feira
11 de Janeiro de 2019
Ano III - Edição nº 02



ESTADO DA BAHIA
PREFEITURA MUNICIPAL DE MURITIBA
GABINETE DO PREFEITO

DECRETO MUNICIPAL Nº 001/2019
De 03 de Janeiro de 2019.

Atualiza a Unidade Fiscal do Município - UFM, para o exercício de 2019, e dá outras providências

O PREFEITO MUNICIPAL DE MURITIBA – ESTADO FEDERADO DA BAHIA, no uso de uma de suas atribuições legais e em conformidade com a Lei Orgânica do Município,

DECRETA:

Art. 1º. A Unidade Fiscal Municipal – UFM, terá para o exercício de 2019 o valor de R\$ 2,84 (dois reais, e oitenta e quatro centavos).

Parágrafo Único. O valor de que trata o caput do artigo foi encontrado, atualizando-se a Unidade Fiscal pelo percentual de 3,86%, em razão da variação do Índice de Preço ao Consumidor Amplo Série Especial – IPCA-E, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Art. 2º. Este Decreto entrará em vigor nesta data, retroagindo os seus efeitos a 02 de Janeiro de 2019, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE MURITIBA/BA, 03 de Janeiro de 2019.


DANILO MARQUES DIAS SAMPAIO
Prefeito Municipal de Muritiba

Rua Dr. Pedro Cortes, 26 – Centro – Muritiba – Bahia
CEP 44340-000 – Telefax (75) 3424-2811 – CNPJ 13.828.504/0001-46

DIÁRIO OFICIAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE MURITIBA - BA

Sexta-feira
11 de Janeiro de 2019
Ano III - Edição nº 02

Ano	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1998	47.8601	34.2688	24.0188	17.1539	12.1337	8.4135	5.8174	6.5271	5.2688	5.1812	5.0941	4.9384
1999	4.8288	4.8298	4.8298	4.8287	4.8287	4.8287	4.3213	4.3213	4.3213	4.1086	4.1086	4.1086
2000	3.9468	3.9467	3.9467	3.9442	3.9442	3.9442	3.9241	3.9241	3.9241	3.6941	3.6941	3.6941
2001	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884	3.6884
2002	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007	3.4007
2003	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458	3.3458
2004	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717	3.0717
2005	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987	2.8987
2006	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943	2.6943
2007	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058	2.4058
2008	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920	2.1920
2009	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358	2.0358
2010	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882	1.8882
2011	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920	1.7920
2012	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858	1.6858
2013	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103	1.6103
2014	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024	1.5024
2015	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038	1.5038
2016	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216	1.4216
2017	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432	1.3432
2018	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615	1.2615
2019	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394	1.1394
2020	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691	1.0691
2021	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386	1.0386
2022	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000



ESTADO DA BAHIA
PREFEITURA MUNICIPAL DE MURITIBA
GABINETE DO PREFEITO

DECRETO MUNICIPAL Nº 002/2019

De 03 de Janeiro de 2019.

Dispõe sobre o lançamento da Taxa de Fiscalização do Funcionamento T.F.F., para o exercício de 2019, e dá outras providências”.

O PREFEITO MUNICIPAL DE MURITIBA – ESTADO FEDERADO DA BAHIA, no uso de uma de suas atribuições legais e em conformidade com a Lei Orgânica do Município.

DECRETA:

Art. 1º. Fica lançada a Taxa de Fiscalização do Funcionamento – T.F.F., para o exercício de 2019.

Art. 2º. A Taxa aludida no artigo anterior, lançada em cota única cujo vencimento será em 29 de Março de 2019.

Art. 3º. O Tributo quitado até o dia 29 de Março de 2019 gozará de desconto de 20% (vinte por cento), calculado sobre o valor base.

Art. 4º. Este decreto entrará em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE MURITIBA/BA, 03 de Janeiro de 2018.


DANILO MARQUES DIAS SAMPAIO
Prefeito Municipal de Muritiba

Rua Dr. Pedro Cortes, 26 – Centro – Muritiba – Bahia
CEP 44340-000 – Telefex (75) 3424-2811 – CNPJ 13.828.504/0001-46

ANEXO A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, Marilene Silva dos Santos de Almeida, aluna do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, orientanda da Prof^a. Dra. Heleni Duarte Dantas de Ávila, estou pesquisando acerca da FEIRA LIVRE DE MURITIBA: ESPAÇO TERRITORIAL E POLÍTICA. Assim, identificamos o senhor (a) como um(a) profissional importante para este estudo. Sua participação nessa pesquisa é fundamental para a elucidação de aspectos importantes do estudo supra mencionado. A qualquer momento o senhor (a) poderá desistir de continuar a entrevista e só responderá as perguntas que desejar. Para isso, necessitamos de seu consentimento para participar da pesquisa através de uma entrevista semiestruturada onde as falas serão anotadas e/ou gravadas (as gravações serão destruídas após a análise dos dados e não passará por mão de terceiros). Asseguramos o direito e a liberdade de se negar a participar do estudo ou dele se retirar quando assim desejar sem nenhum prejuízo moral, físico ou social; bem como o anonimato com relação à sua identidade e quanto a qualquer informação que possa identificá-lo (a). Os (as) participantes não irão receber remuneração. Os (as) que dela participarem o farão por livre e espontânea vontade. A responsabilidade pela realização do estudo é de Marilene Silva dos Santos de Almeida, que pode ser contactada através do telefone (____)_____.

Eu, _____,
declaro estar ciente de que entendo os objetivos e condições de participação na pesquisa — FEIRA LIVRE DE MURITIBA: ESPAÇO TERRITORIAL E POLÍTICA — e aceito nela participar.

_____, ____/____/2019.

Assinatura do/a entrevistado/a

Assinatura da pesquisadora